



Petróleo vai se acabar e surgirão novas fontes de energia

Qual o destino dos povos após o esgotamento total e definitivo das fontes de petróleo? E esse novo **modus vivendi** não está muito distante. O Professor Paulo Duarte, titular do Departamento de Química da UFPE, afirma que dentro dos próximos 50 anos não haverá mais o chamado "ouro negro" e que a humanidade deve cuidar, desde logo, da consecução de novas fontes de energia, conseqüentemente, de outros combustíveis capazes de substituir o petróleo e seus derivados. (pág. 6)



Uma metamorfose para melhor: das agonias de uns, atos de violência e de desespero de outros, maldições, lamentações tantas, ao longo de mais de um século, a ex-Casa de Detenção do Recife cultiva, agora, as manifestações do espírito. (Página 8)

Estudar Medicina não é fácil

Dois empecilhos se apresentam para os estudantes de Medicina: livros didáticos vendidos a preços elevados e o problema do idioma — a maior parte da bibliografia especializada é de autores ingleses, espanhóis, etc. Como alternativa, surgiu a apostila. Até que ponto é válido o seu uso? (Pág. 9)



Americano investiga o Brasil

Brazilianists é o nome aplicado aos americanos que investigam a realidade social e política brasileira. Combatido por uns e elogiado por outros, a contribuição do **brazilianist** ainda está por merecer uma melhor avaliação por parte dos estudiosos brasileiros. Neste número, um trabalho de Josemir Camilo sobre alguns livros desses **scholars**. (Pág. 10)

Colônia, passado sem glória

O almirante e cientista Paulo de Castro Moreira afirma que o Brasil foi construído para ser uma colônia e que de bem pouco nos vale o nosso passado, a não ser pelos exemplos que nos legou. Além da sua condição de oficial da Marinha do Brasil, ele se destaca como um estudioso da ciência do mar, humanista, com vários trabalhos publicados. (pág. 16)



Universidade vive, apesar dos vetos

Mesmo contra o veto dos portugueses, em 1827 foi implantado o ensino superior em Pernambuco, tendo como berço a cidade de Olinda. Na página 4, a conturbada história dessa luta que terminou por ser vitoriosa, objeto de ampla comemoração neste mês, quando a Faculdade de Direito comemora seu sesquicentenário. (Pág. 4)

Novo Projeto é incentivo à integração

Somente há pouco tempo transformado em entidade civil com os propósitos já mencionados, o Projeto Guararapes tem como coordenador geral o acadêmico de Odontologia Hermano Chateaubriand Brasil Nóbrega, eleito em março passado.

Uma das primeiras promoções de Hermano Nóbrega foi de caráter nitidamente cultural. Ele convidou eminentes personalidades para participar do I Ciclo de Estudos sobre Problemas Atuais Brasileiros. Entre elas, o Ministro Shegeaki Ueki, das Minas e Energia, que falou sobre o acordo atômico entre o Brasil e a Alemanha Federal e também so-

bre os famosos contratos de fisco; traduzindo uma de suas constantes preocupações, o professor Vasconcelos Sobrinho disse sobre a preservação do meio ambiente; o senador arenista Jarbas Passarinho brevemente focalizar a juventude em suas relações com a política; e Divaldo Suruagy, Governador do Estado de Alagoas, comentou a participação dos jovens no processo de desenvolvimento brasileiro. Mas outros oradores também se fizeram ouvir, como Francisco de Moura Cavalcanti, Governador do Estado de Pernambuco, que tratou dos problemas sócio-econômicos do Estado que dirige.

O Projeto Guararapes deve seu nome ao histórico monte de Prazeres, onde bravos pernambucanos travaram uma renhida batalha contra o invasor holandês. Para os historiadores, trata-se de uma autêntica explosão de nosso sentimento nativista. Mas o Projeto é uma entidade civil de natureza cultural e cívica, e é justamente através dele que o universitário pernambucano, excursionando por todo o Nordeste, toma contato direto com os problemas de sua região. Com sede e foro na cidade do Recife, o Projeto vem se desenvolvendo com o apoio da classe empresarial e autoridades governamentais. E, com tal apoio, o universitário visita indústrias, sistemas penitenciários, universidades, etc., verificando na prática o que aprende teoricamente nas faculdades.



Secretário de Segurança de Alagoas em conversa com grupo do Projeto Guararapes

As conferências, coroadas de pleno êxito, foram realizadas no auditório da Faculdade de Administração da FESPE e tiveram uma média aproximada de umas 500 pessoas.

Crimes diminuem

O JORNAL UNIVERSITÁRIO acompanhou os membros do Projeto em uma de suas viagens. Eles foram fazer uma visita aos Institutos Penais de Alagoas e, dialogando com o coronel José de Azevedo Amaral, Secretário de Segurança Pública, obtiveram as

informações necessárias sobre o sistema penitenciário daquele Estado.

O Secretário comentou que vem diminuindo sensivelmente o índice de criminalidade em Alagoas. Em Santana do Ipanema, por exemplo, disse ele, faz dois meses que não se comete um crime. Mesmo em São José dos Campos, onde as taxas eram mais elevadas principalmente durante a safra da cana-de-açúcar, a Secretaria tem tido muito sucesso em resolver problemas. O que não deixa de ser curioso, pois, num passado não muito distante, Alagoas era o reduto predileto do famigerado Sindicato do Crime.



Jovens interessados pela cultura

Estudantes concluintes do Colégio Marista visitaram o Departamento de Extensão Cultural da UFPE, interessados que estão pelos programas que este órgão vem desenvolvendo nos campos das artes, cultura e da comunicação. O diretor do DEC, Marcus Accioly fez explanação sucinta das metas a que se propôs, juntamente com sua equipe de trabalho, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento de um intercâmbio mais efetivo com outras instituições de ensino e pesquisa, em todo Nordeste. Tomaram conhecimento também de que

o JORNAL UNIVERSITÁRIO (editado pelo DEC) passa por uma nova fase, gráfica e editorial, exortando a participação permanente de estudantes e professores, e que, com o aprova do Reitor Paulo Maciel, passa a circular agora ao alcance do público em geral, à disposição dos interessados, em qualquer banca de jornal e revista da cidade.

Na foto vê-se, da esquerda para a direita, Marcus Accioly, Solange, Sílvia, Jane, Elizabeth, Eneida, Sônja, Vera e Roberto.

Xadrez - batalha por um rei sem alma

"A Game of Chess" é o título de um poema de T. S. Eliot que narra uma partida de xadrez entre dois orientais em meio à efervescência de uma guerra. Preocupados em assegurar mobilidade e segurança ao rei de marfim, os sábios pouco se apercebiam da ameaça mais real (para os outros) dos regimentos que avançavam e recuavam dando cobertura a seus reis de carne e osso.

Doloroso era ver a rainha assediada por um temível cavalo que tripudiava sob um indefeso bispo. Pungente era saber o rei compulsado a ceder ao avanço da esmagadora torre, e recorrer à sombra dos fiéis peões. Desgraça suprema, mais que o estrago dos morteiros, seria o xeque mate, rei destornado, sob o fogo cruzado de um bispo e uma torre postados em posições estratégicas.

Manobras! A única gratificante é o avanço tático da dama branca, apoiada pela torre, para imobilizar o rei negro — e pouco importa se nesta marcha um ou dois pobres peões foram sacrificados na defesa do valioso rei. Ainda que num futuro lance o pobre rei venha a ressentir-se do apoio de um ou dois valiosos peões.

O jogo de xadrez do poema de Eliot não tem final. Os jogadores morrem atingidos por disparos acidentais e seus reis de marfim permanecem imponentes sobre o tabuleiro, protegidos contra a batalha exterior — torres inexpugnáveis, fiéis bispos e valentes cavalos os guardam.

Literatura à parte, o xadrez tem realmente seu feitiço. Confessam mestres, aficionados e diletantes. Acatam os neófitos, os que só sabem "mexer as pedras". Interessante, complicado, jogo de intelectual, melhora o raciocínio, didático, dizem outros. Desenvolve a capacidade de se jogar xadrez, retruca o humorista (Milor Fernandes), que não perdoa.

ORIGEM E EVOLUÇÃO

Conta-se que Polímedes, herói grego que comandou o cerco a Troia, estava com seus oficiais entediados, à espera de uma definição política ou militar para a batalha que já se arrastava há tempo com perspectivas indefinidas. Pela época, pode-se imaginar o problema dos guerreiros, sem televisão,

sem radinho, demoradas correspondências, tendo ainda que aturar a falta de companhias femininas. Para completar ainda não havia sido inventado o interessante jogo da porrinha, que veio a ser desenvolvido muitos anos depois em botecos, no Brasil, para entretenimento dos que se debatem em outras penosas escaramuças, não raro, mais cruentas que a de Troia. O general então criou um passatempo para os soldados baseado numa estratégia bélica. Teria sido o inventor do xadrez na sua forma primitiva, que perdurou até o século XV. Mais que os outros jogos, exigia coordenação e prudência, a semelhança das operações de guerra.

Em meados do século XV o xadrez evoluía à sua forma atual. Um século depois surgiram os primeiros grandes teóricos e jogadores, entre os quais pontificou o famoso Ruy Lopes, espanhol, cujas partidas anotadas ainda hoje servem como importante "bibliografia" para os enxadristas.

Giochino Greco, da Calábria, foi outro famoso pioneiro, que chegou a criar escola. Um dos mais antigos e interessantes livros sobre o jogo data da Era Medieval, escrito por André Danican, sob o título "Análise do jogo de xadrez, estratégia do xadrez". Danican preconizou a valorização dos peões como a alma do jogo, técnica modernamente de ampla aceitação.

Atribui-se ao francês Louis Charles Mohé de la Bourdonnais a condição de primeiro jogador do xadrez moderno. E Paul Marphy, que viveu de 1837 a 1884, é admirado por suas combinações geniais em partidas que ficaram notabilizadas.

Jogador cauteloso, de combinações sobrias e pouco geniais, porém bem sucedidas, Capablanca é um dos mais respeitados mestres de xadrez de todos os tempos e chegou a ser campeão mundial. Seu estilo influenciou o ex-campeão e excêntrico Roberto Fischer, segundo este confessou, apesar das diferenças entre ambos. Acredita-se que a técnica de Capablanca deverá cada dia criar mais discípulos, pela dificuldade atual de se cultivar estilos recambiosos ou geniais. É a lei do mais prático.

Há quem explique essa suposta tendência do xadrez atual como reflexo das competições oficiais inflando no comportamento dos jogadores, conteúdos a espontaneidade. Grandes jogadores, de combinações ousadas e geniais, têm sido sacrificados

JOSÉ ADALBERTO RIBEIRO
(DO CURSO DE COMUNICAÇÃO)

nas maratonas dos interzonais que a Fide (entidade oficial dos enxadristas) prepara para os aspirantes ao título.

FISCHER, MEQUINHO

Feito que embasbacou meio mundo foi a conquista, em 1972 do campeonato mundial, pelo pirado e genial jogador americano Robert (Bob) Fischer, em disputa com o soviético Boris Spaski. Fischer começou a série perdendo as duas primeiras partidas por não comparecimento, como protesto à conspiração de uma cambada de comunistas que tentavam impedir o triunfo. Segredou para todo mundo que os vermelhos haviam instalado sofisticados instrumentos eletrônicos para torpedear seus lances e que estava preparado um esquema para hipnotizá-lo.

Com relutância, compareceu à terceira partida e empatou, venceu a quarta e a quinta até ficar em vantagem. Na partida decisiva para o soviético este desistiu e Fischer saiu-se campeão. Havia prometido com antecedência e cumpriu. Só não fora campeão antes, disse, porque as exigências da Fide em travar e tomar tempo do seu plano.

Há muito tempo já era cotado como o melhor no "ranking" internacional do xadrez. Fora para a disputa carregando nos ombros a responsabilidade de impor a liderança do mundo, contra os comunistas, a quem odeia. Posteriormente, veio a perder o título por recusar-se a pô-lo em jogo. Quería muito dinheiro e nenhuma câmara de TV para flagrá-lo em suas caretas.

O campeão atual é Anatoly Kurpov, de 26 anos, mestre incontestado, que reconquistou a hegemonia soviética de muitos anos.

Atualmente realiza-se em Manila, nas Filipinas, um interzonal entre nove grandes mestres internacionais. Os três primeiros colocados irão disputar com outros cinco quem será o desafiante de Kurpov. Mequinho, o brasileiro, na primeira posição, já tem garantida a oportunidade de jogar com os chocos. Suas chances, no entanto, são consideradas reduzidas para o título maior.

Ele não esconde que, como seu ídolo Fischer, bem que gostaria de desbancar os soviéticos.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilus Benedito de Vasconcelos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero Ângelo Monteiro José Carlos Targino Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florença da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dentas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Propaganda e os falsos valores

Cuidado com a propaganda! À primeira vista, pode parecer ingênua esta advertência aos olhos de alguns. Ela reflete, no entanto, quando menos, empenhamento para uma análise mais objetiva em torno desse importante setor, hoje largamente explorado em todo o mundo.

Não há negar que o mal emprego da propaganda representa um desserviço à comunidade, principalmente aos que ainda permanecem — no nosso caso, é a maioria — despreparados cultural e socialmente para a plena compreensão de uma mensagem pública.

Logo, uma série de fatores pode ser arrolada para justificar a advertência. Sendo uma mensagem ao público não pode a propaganda ser manipulada sem obediência a princípios éticos, que devem nortear qualquer mensagem veiculada através de canais como televisão, rádio, jornais, etc., os quais exercem poderosa influência junto às comunidades.

É bom que se diga: o baixo nível e mau gosto que caracterizam grande parte das mensagens publicitárias, entre nós, estão a serviço dos produtos falsificados, dos ídolos imprevistos, pincelando novos rótulos, amplamente aceitos pela sociedade de consumo.

Diz o professor Wilson Guarany, no seu livro *Meta Comunicação* que, "no momento em que, saindo da nossa, passamos a conscientizar o pro-

cesso publicitário, ele se torna "cômico", vulnerável à menor análise. É justamente para vencer a barreira erguida pelo consciente que a publicidade explora os apelos emocionais básicos como arma de sugestão".

Em outras palavras, a propaganda nada mais é do que uma forma de kitschização: "Podendo ser produzido mecanicamente, o kitsch tornou-se parte integrante do nosso sistema de produção, como a verdadeira cultura nunca poderia ser, senão acidentalmente. Nele se aplicou um imenso capital, que precisa dar lucros proporcionais; tem a obrigação de ampliar e conservar os seus mercados", afirma o articulista Clement Greenberg escrevendo sobre "Vanguarda e Kitsch".

Na propaganda encontramos, ainda, outro elemento — e principalmente este — que conflita flagrantemente com as normas da linguagem correta. É um verdadeiro massacre: o mínimo de respeito ao falar e escrever corretamente, numa contribuição enorme à anticultura.

Elementos sem a mínima preparação manipulam, então, mensagens publicitárias, sem consciência dos verdadeiros valores posto que estão a serviço de grupos cuja perspectiva não é senão auferição imediata de lucros, doa em quem doer, o mau gosto e o baixo nível das suas produções.

Como corrigir os desníveis

O Professor Sebastião Barreto Campello, Pró-Reitor Comunitário da Universidade Federal de Pernambuco, foi um dos conferencistas da 28.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Brasília. Abordou o tema "Integração do Nordeste com o Centro-Sul", tendo reafirmado seu posicionamento ao sustentar que somente com a eliminação de várias causas, é que o desnível poderá vir a ser superado.

Enumerou-as: a isenção da alíquota do ICM no comércio interestadual; o zoneamento industrial do País, de modo a distribuir equitativamente a industrialização; estudo e pesquisas das técnicas de lavoura seca e o retorno da representação da Câmara Federal, proporcionalmente ao número de habitantes.

Lembrou o conferencista que, no âmbito do subdesenvolvimento nordestino, há causas internas e externas. "Entre as primeiras — argumenta — podemos detectar a liderança política oriunda do feudalismo rural, despreparada e mesquinha, muito mais preocupada com as questões municipais de fundo eleitoral (as nomeações do delegado, da professora, do juiz, dos cabos eleitorais, etc.), do que com o bem comum".

Admite ter sido essa despreparada liderança que permitiu o saque contra a Região,

feito através do confisco cambial entre 1930 e 1964, sem que ela sequer tomasse consciência do fenômeno. Outra causa dependente do próprio Nordeste é o nosso apego ao latifúndio, que inibe a livre iniciativa, alienando todo o progresso dependente de muitas poucas pessoas. Este fenômeno é responsável pelo paradoxo do extraordinário desenvolvimento verificado no Agreste nordestino, onde se produz somente 20% do produto interno regional, área onde há uma grande quantidade de pequenos proprietários livres e a estagnação econômica da Zona da Mata, responsável por 70% da nossa produção, onde estão situados os latifúndios produtores de cana — argumenta o Prof. Sebastião Barreto Campello.

Para a cidade de Paulista (faz parte da Área Metropolitana do Recife) como exemplo de desenvolvimento desse fenômeno, pois, nas três últimas décadas, a única fábrica daquela cidade era proprietária de todos os prédios, das casas, da Igreja e dos terrenos, impedindo a livre iniciativa dos seus habitantes. A cidade apresentava todas as características de decadência, inclusive um acentuado crescimento.

Entre as causas externas do subdesenvolvimento do Nordeste, o Prof. Barreto Campello enfatizou também as causas externas. O mau investimento feito pelo Governo Federal na construção da infraestrutura

O Mágico na Medicina Popular

ROBERTO AGUIAR

LEMBRO-ME, ERA AINDA CRIANÇA, MEU PAI SENTADO NUMA VELHA ESPREGUIÇADEIRA, UMA XICARA FUMEGANTE NAS MÃOS E MEMENÁ, UMA VELHA MADRINHA DE MINHA MÃE, ÀS SUAS COSTAS POR TRÁS DA CADEIRA, UM MOLHO DE VASSOURA DE BOTÃO NAS MÃOS, BENZIA-O EM CRUZES A CABEÇA E ÀS COSTAS RECITANDO UMA ORAÇÃO MISTERIOSA, QUE NEM SEUS PRÓPRIOS OUVIDOS ESCUTAVAM O QUE LHE SAIA DOS LÁBIOS.

MAIS TARDE, FORA À VEZ DE MEU IRMÃO, ADOECERA DE ICTERICIA E MEMENÁ RECOMENDOU QUE FOSSE PENDURADO AO TETO, JUNTO À CHAMINÉ DO FOGÃO, UM CHUMACÇO DE ALGODÃO ONDE ELE HAVIA URINADO, QUANDO O ALGODÃO MUDASSE DE COR, DIZIA ELA, MEU IRMÃO ESTARIA BOM. ASSIM FOI.

Alguns assuntos têm a peculiaridade de possuírem matizes tão diferentes e curiosos que se tornam, extensiva e intensivamente, inesgotáveis. A medicina popular é um deles. Aspectos econômicos, místicos, ecológicos, biológicos e terapêuticos, sua taxonomia e mais uma infundável multiplicidade deles podem servir de ângulo de abordagem para Medicina Popular. Todos revelariam, contudo, caso de algum modo focassem a prática medicinal — e a medicina popular é eminentemente pragmática — a forte presença de elementos mágicos.

Não foram poucas as constatações feitas por apurados estudos do elevado teor medicinal da matéria das ervas empregadas na medicina popular. Muitas delas continuam sendo utilizadas pela Homeopatia, basicamente para os mesmos fins que o povo as utiliza em sua medicina pragmática. Em verdade, se pode mesmo afirmar que os remédios populares — e aqui se está referindo não às drogas comumente vendidas nas feiras, mas aos chás, xaropes e ervas domesticamente preparados, mezinhas — são, em grande medida, à luz da Ciência Médica atual, realmente indicáveis para aquelas doenças que a medicina popular prescreve.

Entretanto, esta conformidade a padrões científicos que é encontrada na medicina popular, não a torna, por isso, equivalente à Ciência Médica. Nesta, a cura do doente, mediante a utilização de determinado remédio, se dá antes por um combate às causas da moléstia e com o conhecimento da atuação da droga no organismo, além, é claro, da região lesada, e nunca pela confiança depositada pelo doente e pelo médico no efeito miraculoso de uma droga, tomada segundo um rito próprio. É precisamente aqui, portanto, que as duas Medicinas — a popular e a científica — se diferenciam como prática médica. A Medicina científica constitui um tipo de ação social racional atuando mediante o conhecimento, no máximo possível, causal, no passo que a Medicina Popular age pela fé empírica em que tal erva, chá ou xarope curam tal ou qual doença. Os porquês não lhe interessam.

Podem ser encontrados alguns elementos do grande elaborado racional na Medicina Popular e isto com relativa facilidade. Contudo, a preocupação racional encontrada na

Medicina Popular é largamente uma preocupação taxonômica. A este respeito, é possível lembrar que a classificação das ervas medicinais feitas por indígenas brasileiros foi tida como das mais exaustivas e suficientes. O que é difícil se encontrar são elementos explicativos, racionalmente convincentes, que justifiquem o uso de uma e não de outra erva. O conhecimento de que uma erva tem efeito terapêutico, na Medicina Popular, é transmitido pela tradição e acumulado pela experiência individual ou grupal que, de modo empírico, constata os efeitos de uma determinada.

Este distanciamento das razões e o apego ao efeito revestem a medicina popular de uma concretidade e pragmaticidade que, por não encontrar — nem mesmo buscar — explicações racionais, explica-se pelo rito. O êxito ou fracasso de uma droga, na Medicina Popular, são explicados não por sua adequação ou inadequação causal à doença, mas pelo modo como foi produzida e ministrada. É a maneira de fazer que responde pelo mérito de um bom chá. Deste modo, a prática medicinal popular exige, ao lado de uma absoluta fé — de "médico" e do doente — no "remédio", uma verdadeira ritualidade mágica no fazer e no tomar a droga.

Não se trata, portanto, de se atuar com conhecimento de causa sobre uma doença, mas de produzir o efeito da cura em um doente. Não importa que o sabugueiro ou a flor de laranja possuam propriedades químicas capazes de atuar no organismo humano e debelar um mal determinado. Relevante é saber que o chá de flor de laranja produz um efeito tranquilizador quando é preparado com água bem limpa, em hora determinada e de flores escolhidas por critérios que só velhas e experimentadas "médicas", como Memena, conhecem. É evidente, pois, na Medicina Popular, o apego mágico ao rito que, por razões desconhecidas e inexplicáveis para o "médico" e para o doente, produzem um fim materialmente palpável a cura do doente.

Ressalta-se, pois, na Medicina Popular, não a racionalidade, mas o irracional; a fé ritualista numa prática para obter o domínio sobre o possível.

Recife, 26 de setembro de 1974.

econômica do Centro-Sul, em contraste com as pequenas aplicações de recursos no Nordeste; as inversões na economia do Centro-Sul e o abandono quase total do Nordeste a partir da proclamação da República; o confisco cambial que empobrecerá dramaticamente a Região, principalmente entre 1930 e 1964 e, recentemente, tornou a se verificar para o caso específico do açúcar entre 1963 e 1974; a alíquota interestadual do ICM, que está provocando uma substancial transferência de recursos das regiões menos industrializadas para as mais industrializadas; o comércio triangular que se efetua entre as nossas vendas e as nossas compras.

SOLUÇÕES

Depois de analisar detidamente, cada uma dessas causas, o Prof. Barreto Campello afirmou que a integração do Nordeste com o Centro-Sul se fará na medida em que essas causas forem eliminadas, devendo ser complementadas com outras. Enumerou os seguintes pontos como solução aos problemas levantados:

1) Investimentos maciços federais na Região, de modo a contrabalançar os fabulosos recursos aplicados no aeroporto superabundante, na ponte Rio-Niterói, em Itaipu, Marimondo, financiamentos dos Metrô, etc. Poderiam ser feitos os portos de Itaquí e Suape, intensificados os campos de irrigação, a refinaria de petróleo do

Nordeste, etc. Alguns órgãos federais de pesquisas e estudos deveriam ser transferidos para o Norte e Nordeste do País.

2) Transferência de algumas empresas de economia mista para a Região, notadamente a PETROBRAS e a CODEVASF. Deveriam ser criadas outras que explorassem a gipsita, o tungstênio, a cromo, química, a Companhia de Desenvolvimento do Vale do Paraíba, etc.

3) A isenção imediata da alíquota do ICM para o comércio interestadual.

4) O zoneamento industrial do País de modo a distribuir mais equitativamente a industrialização, neutralizando-se a influência política das mais fortes unidades da Federação. Neste zoneamento, as indústrias deveriam ser complementares, evitando-se a concorrência desnecessária.

5) O retorno, da representação política da Câmara Federal, proporcionalmente ao número de habitantes de cada Estado, em lugar da esdrúxula forma atual de proporcionalidade, ao número de eleitores.

6) Estudo e pesquisa das técnicas de lavoura seca, segundo as ideias do Agrônomo GUIMARAES DUQUE, de modo a fazer, por aí população agrícola do Nordeste, a incipiente agricultura e pecuária da região semi-árida.

Português não via com bons olhos criação de Faculdade

Em 1654 já existia um projeto para a criação do primeiro estabelecimento de ensino superior em Pernambuco, que estava em mãos dos holandeses. Recife teria uma Universidade, e também funcionariam escolas de artes e ciências. Com a expulsão dos holandeses, o plano foi temporariamente esquecido.

Em 1788, mais de um século depois da idéia do invasor, o governador Dom Tomás José de Melo fundou uma Academia Militar, com um curso especial de matemáticas superiores. Dois anos depois, em 1800, Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho instalou o Seminário Episcopal de Olinda. O alto nível dos estudos superiores ali ministrados transformava Olinda em uma nova Coimbra, conforme disse um cronista da época.

A criação de uma Universidade em Pernambuco não era bem vista pelos portugueses. Em 1821, o deputado pernambucano Muniz Tavares propõe no Congresso Constituinte de Lisboa a fundação de uma Universidade no Brasil, a qual ainda não existia. Os deputados portugueses contestaram nosso representante, alegando que algumas escolas primárias bastariam.

Já depois da Independência, a Câmara Municipal de Olinda, em 23 de novembro de 1822, orientava os representantes pernambuca-

nos à Assembléia Constituinte, na sua cláusula 13, no sentido de que fosse proposta a criação de uma Universidade em Olinda.

No ano seguinte, o deputado paulista José Fernandes Pinheiro defende a existência de cursos superiores no Brasil, mas com sede em São Paulo. A dissolução da Assembléia pôs fim a todos os planos.

Em 1826, porém, o Governo remeteu à Câmara um projeto criando um Curso Jurídico. O cônego Januário da Cunha Barbosa foi o confeccionador do dito projeto, apresentado na sessão de 5 de julho do referido ano. O Rio de Janeiro seria a sede. Na segunda discussão do projeto, o deputado Lúcio Soares Teixeira de Gouveia sugere São Paulo como o lugar próprio para funcionar uma Universidade. Na ocasião, o deputado Paulo de Souza apoiou seu colega, apresentando, contudo, uma emenda criando mais uma Escola de Direito, que teria Olinda como sede. Ali o Norte estaria bem atendido, enquanto São Paulo formaria os jovens do Sul.

A emenda de Paulo de Souza foi aprovada na sessão de 18 do mesmo mês. Em 2 de setembro, o projeto foi remetido ao Senado, tendo entrado em discussão e depois enviado à sanção, o que ocorreu em 11 de agosto de 1827. O 1.º Artigo do documento diz o seguinte:

Dom Pedro Primeiro, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil faz saber a todos os nossos súditos que a Assembléia Geral decretou e Nós queremos a Lei seguinte:

Artigo 1.º Criar-se-ão dois Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, um na cidade de São Paulo, outro na de Olinda, e neles, no espaço de cinco anos e em nove Cadeiras, se ensinarão as matérias seguintes:

1.º Ano

1.ª Cadeira: Direito Natural Público, Análise da Constituição do Império, Direito das Gentes e Diplomacia.

2.º Ano

1.ª Cadeira: Continuação das matérias do 1.º ano antecedente;
2.ª Cadeira: Direito Público Eclesiástico.

3.º Ano

1.ª Cadeira: Direito Pátrio Civil;
2.ª Cadeira: Direito Pátrio Criminal, com Teoria do Processo Criminal;

4.º Ano

1.ª Cadeira: Continuação do Direito Pátrio Civil;
2.ª Cadeira: Direito Mercantil e Marítimo.

5.º Ano

1.ª Cadeira: Economia Política;
2.ª Cadeira: Teoria e Prática do Processo adido pelas Leis do Império.

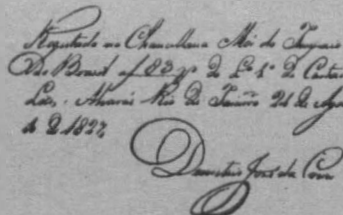
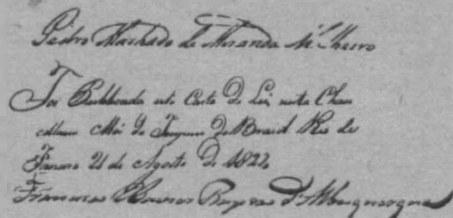
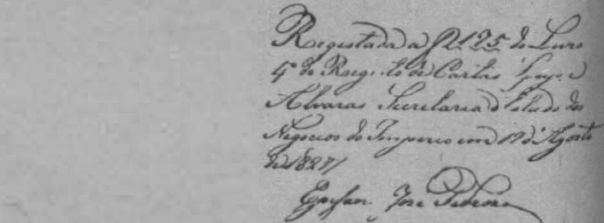
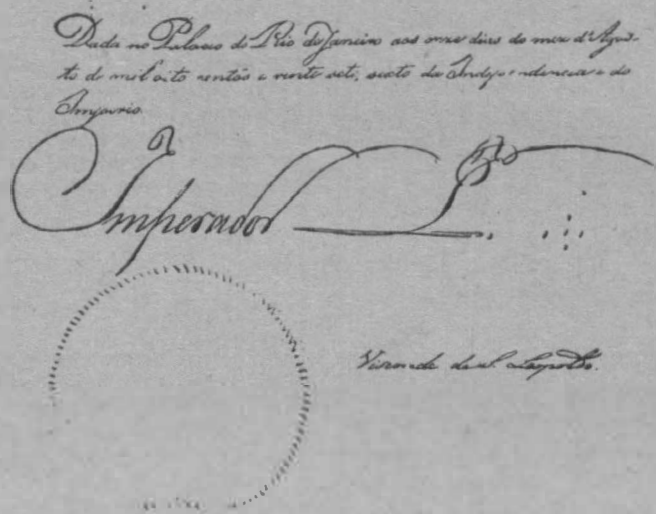
Finalmente, Pernambuco tinha sua Universidade. O Dr. Lourenço José Ribeiro foi nomeado diretor interino e lente do 1.º ano do Curso. Entrou em exercício dos cargos em 28 de abril de 1828, prestando juramento perante o presidente da Província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão. O termo de posse foi lavrado pelo padre Laurentino Antonio Moreira de Carvalho, que foi também o primeiro secretário da Faculdade.

Aberta a matrícula, foram inscritos os primeiros alunos, observando a seguinte ordem:

Afonso Cordeiro de Negreiros Lobato, natural de Pitangui, Minas Gerais;
André Pereira Lima, natural da Bahia;
Antonio Batista Gitirana, natural de Olinda;
Frei Francisco da Conceição, franciscano, natural do Recife;
Antonio Filipe Néri, de Olinda;
Antonio Henriques de Miranda, de Itamaracá;
Antonio Joaquim de Albuquerque e Melo, do Recife;
Antonio Luis Dantas Leite, de Alagoas;
Antonio Manuel Fernandes, do Rio Grande do Sul;
Antonio Tomás de Luna Freire, de Pernambuco;
Bento Joaquim de Miranda Henriques, de Pernambuco;
Bernardo Rabelo da Silva Pereira, de Pernambuco;
Caetano José da Silva Santiago, de Pernambuco;
Eusébio de Queiroz Coutinho Matoso da Câmara, natural de Luanda, Reino de Angola;
Félix Rodrigues de Araújo, de Pernambuco;
Firmino Pereira Monteiro, do Rio de Janeiro;
Francisco Antonio de Oliveira Rozeles, de Pernambuco;
Francisco Joaquim Gomes Ribeiro, de Alagoas;
Padre Francisco Joaquim das Chagas, de Pernambuco;
Henrique Félix de Dácia, de Pernambuco;
Jerônimo Martiniano Figueiredo de Melo, do Ceará;
João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão, de Pernambuco;
João José Ferreira de Aguiar, de Pernambuco;
João Quirino Rodrigues da Silva, de Pernambuco;
Padre João Rodrigues de Araújo, de Pernambuco;
Joaquim Nunes Machado, de Alagoas;
Joaquim Serapião de Carvalho, de Alagoas;
José Antonio Pereira, do Ceará;
José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro, do Rio Grande do Norte;
José Maria Coelho, de Pernambuco;
José Maurício de Oliveira Maciel, de Pernambuco;
José Teles de Menezes, de Pernambuco;
Lourenço Trigo de Loureiro, de Portugal;
Manuel Augusto de Faria Rocha, de Pernambuco;
Padre Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, de Pernambuco;
Manuel Teixeira Peixoto, de Pernambuco;
Padre João Batista Peixoto, de Pernambuco;
Zacarias Peixoto de Brito, de Pernambuco;

Dos primeiros alunos matriculados a concluir o Curso, dois chegaram ao magistério da Escola: Dr. Lourenço Trigo de Loureiro e Dr. João José Ferreira de Aguiar, efetivados, respectivamente, em 1840 e 1854.

A primeira turma de bacharéis da Faculdade de Direito colou grau em 1832, composta de 24 advogados, sendo, por ordem de chamada, Antonio Batista Gitirana o primeiro ti-



Carta de Lei pela qual Vossa Magestade Imperial manda executar o Decreto da Assembléia Geral Legislativa que decreta por seus honorários sobre a criação de duas novas faculdades, uma na Cidade de São Paulo e outra na de Olinda, como acmossa de Lei.

Para Vossa Magestade Imperial Por

tulado. Viveu somente para a magistratura, morrendo como desembargador aposentado do Tribunal de Relação do Recife.

Em Olinda, tudo lembrava Coimbra. Os estudantes só não usavam o gorro e a batina. A vida do acadêmico, tanto em Olinda quanto em Recife, depois da mudança, assemelhava-se à do universitário francês, a começar pela moradia em "repúblicas" — casas que ainda hoje existem no Recife e são tradição.

A forma de ensino em Olinda, e talvez a própria vida universitária, não permitiu que aparecessem talentos no jornalismo, romance, poesia e outras atividades literárias, embora o estudante muito cedo estresse na política, fazendo o jornalismo partidário, através de órgãos como "Olindense", "Eco de Olinda", "A Voz do Povo", "Voz de Beberibe" e "Velho de 1817".

Com o jornal "Phileidemon" é que começam a surgir universitários literatos. Afirma-se, inclusive, que foi o primeiro jornal literário de Pernambuco. "Polymático" foi outro jornal sem cor política que nasceu em Olinda, abrindo um bom número de estudantes e mesmo professores, que cuidavam somente de "noções de doutrinas científicas e noções de doutrinas sobre literatura e as belas artes", segundo a expressão de um cronista da época.

Em 1854 a Faculdade de Direito transferiu-se para o Recife, passando a funcionar na Rua do Hospício, mudando-se posteriormente para o Colégio dos Jesuítas, prédio anexo à Igreja N. S. do Ó, hoje Igreja do Espírito Santo.

Em 1912 tomou a sua casa própria, onde ainda funciona. O edifício foi construído especificamente para a Escola.

Foram muitos os nomes famosos que passaram pela Faculdade de Direito do Recife, os quais se destacaram

nacional e internacionalmente nas ciências e nas artes. Entre outros, vale destacar:

Juristas

Paula Batista, Odilon Nestor, Phaelante Câmara, Clóvis Bevilacqua, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque e Melo, Epitácio Pessoa, Martins Júnior, Santos Estanislau, Barreto Campelo, Anibal Bruno, José Pereira Lira, Luis Pinto Pereira, Djacir Arruda, Tobias Barreto e Rui Barbosa.

Romancistas

José Américo de Almeida, Gilberto Amado, José Lins do Rego.

Poetas

Augusto dos Anjos, Castro Alves, Tobias Barreto, Manoel Pinheiro, Mauro Mota, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena Filho.

Teatrólogos

Ariano Vilar Suassuna, Hernilo Borba Filho.

Jornalistas

Assis Chateaubriand, Anibal Fernandes, Francisco Pessoa de Queiroz.

Críticos Literários

Olívio Montenegro, Alvaro Lins, Virgínius da Gama Melo.

Políticos

Epitácio Pessoa, José Américo, João Pessoa.

Historiadores

Pereira da Costa, José Antonio Gonsalves de Mello, Armando Souto Maior, Amaro Quintas.



Um campeonato com muita briga e duas estranhas disputas

O campeonato pernambucano 76 repetiu a tônica da competição do ano passado: tumultos, brigas, protestos, reclamações. E tudo como se tivéssemos dois campeonatos distintos: um dentro do campo, outro nos bastidores. As vezes a grande atração — a bola rolando nos estádios — era substituída pela outra disputa: a dos dirigentes.

Para o Sport, a derrota foi dupla: no campo e nos bastidores. Teve um campeonato tumultuado, começando por perder uma dupla de área muito boa: Pedro Basílio e Alberto, em troca de Silveira e Assis, que durante todo o ano não corresponderam nem se firmaram como titulares. Depois veio a queda de Mário Travaglini que, apesar de suas qualidades como treinador, foi forçado a pedir o "boné" quando o rubro-negro disputava, ainda, a honras de conquistar o segundo turno.

Por esses motivos o Sport cometeu o grave pecado de não definir a sua equipe durante a disputa. Dizem que quando o torcedor sabe de cor, a escalação de sua equipe, é porque ela tem homogeneidade. Ninguém sabe, agora que terminou o certame, qual a equipe rubro-negra. As vezes jogava Toinho, para ser imediatamente substituído por Tião; Silveira e Assis Paraense disputavam uma ou outra partida; para ceder, em seguida, a posição a Marcos ou João Carlos; Cláudio Mineiro era obrigado, sempre, a revezar com Jorge Tabajara. No meio de campo, nem se fala: entrava Cacau, logo depois era substituído por Djalma que cedia a posição a Tovar; Assis Paraíba sobrava para entrar Peres; Luciano ficava no banco vendo Miltão jogar e, na outra partida, era Miltão quem estava fora do gramado. Ramon veio substituir a Dario e Lima jogava uma partida outra não, perdendo o lugar para Peres. Enfim, um time indefinido.

Um time armado

O Santa Cruz terminou o Campeonato Nacional do ano

passado entre os quatro primeiros colocados. Um grande time. Apesar de perder Ramon, Mazinho (contundido) e Fumanchu, estrelas da equipe, manteve a sua base. É certo que sofreu uma certa indefinição no gol, atendendo ao que os técnicos modernos chamam de "revezamento". Numa partida entrava Gilberto, na outra Picasso. Ambos com boas atuações, mas com vantagens para o primeiro, excelente goleiro. Na zaga uma única alteração (para melhor). Saiu Lula, para fixar-se Alfredo Santos, um zagueiro em ascensão. Levi e Pedrinho continuaram. O meio-campo, eixo e vida de um time de futebol, permaneceu praticamente o mesmo: Givanildo e Carlos Alberto Rodrigues, vindo Edson, do Flamengo, para substituir ao contundido Mazinho, que a crônica denominou o "Deus de Ébano". Para cobrir a lacuna deixada por Fumanchu foi contratado Betinho. Nunes fez a torcida esquecer Ramon. A ponta-esquerda foi dividida por Pio e Santos.

A princípio, tem-se a idéia de que houve indefinições. O que não é verdade. Enio Andrade, o técnico gaúcho que foi craque do Náutico, tratou de "arrumar a casa", definindo as posições. Por isso não conseguiu ganhar o primeiro turno. Era necessário fazer o torcedor saber o time de cor. O primeiro grande problema do time foi a ponta-direita. Betinho poderia substituir a Mazinho, mas Eraldo, o Carazinho, vindo também do Rio Grandê do Sul, não tinha possibilidades de fazer esquecer Fumanchu. Até que veio Edson e tudo estava definido. Bastou um só jogador, apenas um para a equipe ganhar homogeneidade. Dai para frente não foi difícil conquistar o segundo turno e entrar no terceiro com vantagens. Surgiram os problemas, mas o time permaneceu o mesmo. Perdeu a terceira etapa, mas não houve alteração, sobretudo no meio-campo. Hoje, a equipe do Santa Cruz é uma só, ou seja: Gilberto, Carlos Alberto, Alfredo Santos, Levi e Pedrinho; Givanildo, Carlos Alberto Rodrigues e Edson; Betinho, Nunes e Pio. Esta a equipe supercampeã de Pernambuco.

Um certo sonho Carabina

Era uma vez... Como nas estórias infantis, poderíamos



iniciar contando a trajetória do Náutico neste campeonato. Era uma vez um super-time de futebol que perdeu os seus próprios caminhos e não sabia como encontrar a volta. Seus heróis partiram, Neneca para o Guarani, de Campinas; Jorge Mendonça e Vasconcelos para o Palmeiras, de São Paulo; Lima para o Sport e o veterano Paraguaio para o Central. Era um desmoronamento. Atônita, a torcida do time alvirrubro não sabia o que dizer, nem o que pensar. Estava tudo acabado. Crise na direção, conselheiros brigando, insultos, uma guerra. Ninguém queria assumir os débitos. Reuniões, mais reuniões. Ameaça de intervenção. Aloísio Freire, um conselheiro obscuro, sentado nas arquibancadas, sentiu que chegava o momento de sacudir a poeira. Pegou um barco furado, com a caixa de máquinas queimando, os marinheiros feridos. Arregaçou as mangas, eleito presidente. Chamou Antônio Amante que convocou Carabina. Carabina? Quem era Carabina? Waldemar Carabina, ex-zagueiro do Palmeiras e ex-técnico do Atlético Paranaense, veio dirigir uma equipe combatida. Quase sem jogadores. Tinha ainda a famosa dupla de área Beliato e Sidclei. Pediu que eles continuassem no clube. Trouxe Toninho Vanusa, Mário e Fedato. Permaneceu com França, Gilvan, Luís Fernando e Miguel. Promoveu Marquinhos. Zé Maria veio do Santa Cruz.

Contando com um mínimo de material humano, formou uma equipe. Afirmou-se logo que seria um saco de pancadas, mero adversário do Sport e Santa Cruz. No primeiro turno nada conseguiu. Veio o 2º turno, surpreendeu vencendo o Sport, quando perdia por 1 a 0. Virou o jogo para 2 a 1. No terceiro venceu outra vez o Sport e empatou com Santa Cruz. Campeão do turno.

Um certo senhor Carabina arrumou a casa, deu-lhe personalidade. Formou o time base. Conseguiu chegar na frente do Sport. Faltou pouco para ser o campeão do ano.

Amadorismo brasileiro: uma prática ainda deficiente

Quando Onischenco marcou o primeiro gol russo, logo no início do primeiro tempo, estava definitivamente selada a sorte do selecionado brasileiro de futebol amador nas XXI Olimpíadas de Montreal, Canadá. Logo em seguida, numa falha da defesa brasileira, o ponta Nazarenko faria o segundo e último gol da partida. Ainda não era desta vez que os reis do futebol mundial lograriam uma melhor colocação na categoria amador.

Contudo, muitas dificuldades tiveram que enfrentar nesta sua excursão até Montreal. Para começar, seguiram sem preparador técnico. Zizinho, um dos remanescentes do fracasso de 50, fora encarregado de treinar os jovens futebolistas e depois entregá-los ao técnico da seleção profissional, o competente Osvaldo Brandão. Mas Brandão, segundo alguns, estava certo do insucesso dos jogadores brasileiros, e pediu para ser dispensado.

A CBD voltou atrás, solicitando a Zizinho que continuasse no posto. Mas a seleção seguiu sozinha, pois o preparador não aceitou a proposta. Enfim, um outro problema veio complicar ainda mais a exibição do selecionado brasileiro: o centro-avante Cláudio Adão, estrela máxima do time, ficou impossibilitado de seguir por ter quebrado a perna num jogo do seu time, o Santos, contra o América de São José do Rio Preto.

Esses dois valores tinham alta cotação. Zizinho comandara o selecionado na brilhante campanha dos Pan-Americanos, realizados ano passado no Recife. Preparados por Zizinho, os canarinhos derrotaram todos os seus adversários, com exceção dos uruguaios, com quem empataram sem gols. Uma façanha cujos méritos pertencem, em grande parte, ao insinuante e bravo Cláudio Adão. Suas arrancadas

para o arco adversário, depois de incríveis tabelas com o seu companheiro Erivelto, desnortearam completamente as defesas dos adversários. Sem Adão, Erivelto não passou de um jogador comum, sem muita inspiração. Tanto que, excetuando o ponta Santos, os brasileiros raramente avançavam para o arco inimigo.

Mas até que o time começou bem. De início, empatou em 0 x 0 com o poderoso esquadrão da Alemanha Oriental. Um mérito, sem dúvida, pois os alemães orientais eram os mesmos que disputaram o último campeonato mundial de profissionais. Em seguida, golpeou espanhóis e israelenses — fazendo seis gols e tomando apenas dois. Não conseguiu, porém, barrar os passos de poloneses e russos. A Polônia, terceira colocada na Copa do Mundo de 1974, não encontrou muitas dificuldades

para derrotar o time brasileiro. Tampouco os russos, que empregaram um ritmo extraordinariamente veloz e objetivo.

Assim, os desportistas nacionais competem mais uma vez e não conseguem arrebatar sequer uma medalha de prata. Muitos alegam que era humanamente impossível enfrentar times altamente capacitados, calejados em ferrenhas disputas internacionais, e obter vitórias significativas. O selecionado polonês, por exemplo, foi o mesmo que derrotou o famoso time profissional do Brasil em 1974. Também russos e alemães orientais se apresentaram com seus principais jogadores. Os protestos foram vários, e, se outro mérito não tiveram, servem, pelo menos, para chamar a atenção dos responsáveis pelo nosso futebol amador. Só assim poderemos, da próxima vez, obter melhores, mais promissores resultados.

No Século I, o povo reclamava contra as más instalações dos locais onde se realizavam as olimpíadas. Tinham que enfrentar aglomerações, suor, poeira e nervosismo. No Século XX, não se cansa de reclamar contra a suntuosidade dos prédios, verdadeiros palácios olímpicos. Alguns esquecem, porém, que durante oito dias, todas as atenções, de repente, estarão voltadas para estes palácios, países inteiros, inquietos diante de televisores ou ávidos lendo jornais e revistas, acompanhando os movimentos dos seus atletas.

Apesar dos imensos problemas políticos nos últimos anos, com países abandonando as provas, dos pedidos de asilo e da troca de insultos, as olimpíadas lutam desesperadamente para manter o caráter esportivo do acontecimento.

E, durante uma semana, esquecendo as divergências raciais da Rodésia ou dos Estados Unidos, brancos e negros misturam-se nas pistas, nos estádios e nas piscinas para mostrarem ao mundo as suas imensas possibilidades.

Desportivamente, comunistas e democratas lutam por medalhas de ouro, prata ou bronze. Robustos atletas parecem preocupados, apenas, em demonstrar a força de suas possibilidades, numa ameaça ao esforço humano. Os recordes são sucessivamente batidos. Patéticos, os assistentes indagam até onde a força do Homem pode chegar. Aquilo que parecia impossível a algum tempo, de repente transforma-se em coisa tão vulgar, que é difícil prever até onde as técnicas

A suntuosidade dos jogos já recebe críticas, mas no Século I o povo não podia suportar a má instalação, suor e a poeira

podem desenvolver as possibilidades humanas.

Nas olimpíadas de Montreal, realizadas sob o signo da expectativa e da tensão, uma jovem atleta atraiu para si todas as atenções mundiais: chama-se Nadia Comaneci, tem apenas 14 anos e é romena.

Embalando uma boneca e expondo um sorriso meigo, ela apareceu na televisão, após uma conquista surpreendente, para ser entrevistada. A ternura de Nadia, mais do que sua potencialidade nas ginásticas, deixou surpresos os telespectadores. Quem seria o líder de Nadia? Para uma garota de país comunista, esperava-se que falasse sobre um "vermelho", desses que se obrigam a dirigir países com suas idéias. Ela, porém, estampando o sorriso de criança

ainda entrando na adolescência, disse que era Alain Delon. Pasmados, os entrevistadores perguntaram-lhe se sabia alguma língua. Respondeu num francês correto e limpo. Além do atletismo, gostava muito de estudar. E mostraram-lhe, ainda, que vários empresários estavam interessados para levar-lhe a uma excursão exibicionista pelo mundo. Nadia, ainda sorrindo, disse que queria apenas voltar para casa e ficar com os seus pais.

Para os brasileiros, porém, havia uma expectativa muito maior: era João Carlos de Oliveira, o João do Pulo. Dono do recorde do salto triplo, João era uma esperança de medalha de ouro para o Brasil. Desde o início dos jogos, ansiosos, os brasileiros

perguntavam quando João ia pular. No entanto, a expectativa se transformou em tristeza: João conseguiu apenas a medalha de bronze, sendo superado pelo soviético Viktor Saneev e o norte-americano James Butts. Ainda assim, para consolo nosso, continuou dono do recorde. O russo conseguiu pular 17,29 metros, e o americano 17,18. João ficou com 16,85, muito aquém do seu próprio recorde, que é de 17,78 metros.

Para nós, resta saber, porém, que mandamos para Montreal uma equipe esforçada e lutadora. O que não é bastante, é claro. Mas que também não é vergonhoso. Fomos a Montreal, disputamos força com os maiores atletas do mundo e desportivamente mostramos coragem.

Mestre prevê fim
do petróleo nos
próximos 50 anos

Depois de se inventar os motores a explosão, a civilização passou a depender cada vez mais do petróleo, como fonte de energia. Além de utilizada nos transportes, o petróleo se faz imprescindível na indústria, na fabricação de lubrificantes, de medicamentos, etc. Mas, como toda fonte de energia, é perecível. Por isso, hoje estão sendo pesquisados substitutos para esse óleo mineral, diante da perspectiva de sua futura escassez, podendo, dentro de 50 anos, faltar completamente, conforme admite o Professor Paulo José Duarte, Titular de Química Analítica da UFPE.

O tão cobigado e necessário ouro negro não passa, na definição química, de uma substância natural inflamável, de consistência oleosa, constituída essencialmente por hidrocarbonetos líquidos.

O petróleo já era conhecido na Antiguidade, devido às exsudações frequentes no Oriente Médio (onde aflorava à superfície de maneira natural, semelhante à transpiração). O Antigo Testamento o menciona por diversas vezes. Estudos arqueológicos demonstram que foi utilizado há quase 6 mil anos.

Na início da era cristã, os árabes se utilizavam dele para fins bélicos e para iluminação. Há pouco mais de um século, era utilizado como lubrificante, medicamento laxativo e unimento.

Mas é com os motores a explosão que o uso do petróleo cresce vertiginosamente. Na fase em que era usada apenas na lumi-

nação, a gasolina, considerada explosivo perigoso, era jogado fora, sendo aproveitados o querosene e os óleos lubrificantes.

Hoje, como sabemos, a situação mudou completamente, de sorte que as perfurações em busca de petróleo visam antes de tudo a suprir as necessidades de gasolina e óleo diesel, atualmente os derivados mais cobçados e necessários.

POÇOS

Foi em 1853 que se perfurou o primeiro poço, à procura de petróleo, na Pensilvânia, E. U. A. Tal poço em produziu à profundidade de 21 m. Hoje, tendo em vista o aprimoramento da técnica e a escassez do petróleo, as perfurações atingem mais de 6 000 m de profundidade.

Vários países já adotam o raciocínio de não petrodólar, com vistas a transpor os obstáculos colocados por sua falta. No entanto, estão sendo pesquisadas novas fontes de energia, novos combustíveis, que virão, em futuro próximo, substituir completamente a gasolina e o óleo diesel.

EXPERIENCIA

Foi com este intuito que recentemente um engenheiro francês experimentou a mistura álcool/água, com um automóvel provido de tal combustível a distância entre Maricó e Recife, com um êxito inesperado. Poderá tal combustível vir a substituir por completo a gasolina?

Sobre o problema, o Professor Paulo Duarte, titular de Química Analítica da UFPE, com amplo currículo, tese e trabalhos publicados, ao longo da vivência universitária, manifestou os seguintes pontos de vista:

ALCOOL

A mistura de gasolina ou do óleo diesel, o álcool é um combustível de já muito usado nos motores a explosão e até indicado, sob forma anidra, em mistura com a gasolina normal, porque melhora consideravelmente o índice de octana, isto é, torna a gasolina de queima mais suave ou menos detonante dentro do motor.

Durante a última Grande Guerra, chegou-se a usar misturas de até 30% de álcool na gasolina. Isto representa, por si, uma economia considerável de divisas.

Por outro lado, o álcool foi empregado isoladamente nos motores, durante o mesmo período de guerra, com boa eficiência e sem qualquer especialidade de motor. Contudo, produtos oxidados e um menor rendimento térmico era de se prever, com esse combustível, que já levava oxigênio na sua estrutura molecular.

Além disso, por força da personalidade, chegou-se a andar, no interior, até com pagante, o que não é aconselhável, pelo baixo rendimento térmico e produtos de oxidação.



prejudiciais ao motor (podem-se formar ácidos, ácidos acéticos, vapor d'água em excesso, etc., que roubam o calor).

Acho que a organização de um Centro de Pesquisas sobre o assunto, para estudar, fazer o modo de otimizar o uso do álcool como combustível, seria indicado, inclusive, retomando o trabalho de muitos técnicos de vários Institutos e Universidades que já trabalharam no assunto.

Quanto ao fato da queima de álcool com fumaça, em motor apropriado, é um assunto difícil de avaliar cientificamente em pesquisas pormenorizadas. Uma verdade temos que concluir: que é impossível tirar-se energia de onde ela não existe. Assim, teríamos de imaginar que o combustível estaria limitado ao próprio teor de álcool utilizado na mistura, aproveitado por uma técnica especial.

De qualquer modo, acho que esses estudos devam ser estimulados, assim como os estudos de outras fontes de energia, como já vem providenciando o Governo, uma vez que sabemos que os produtos do petróleo são preciosos por serem um item mineral de vida aparentemente ilimitada a uns 50 anos, devendo tais produtos serem orientados para fins mais urgentes na imprescindíveis, como a lubrificação, fabricação de plásticos, drogas e outros derivados".

Sette continua pesquisas de Cohen e Fraissé

Embora conhecida internacionalmente, meros das suas pesquisas no campo da Lógica Matemática, o Professor húngaro Mário Rédei conseguiu uma seriedade e modestia marcanas. Seu trabalho intitulado a propos d'une condition caractérisant a une théorie heréditaire saturée, publicada pela Academia de Ciências de Paris, em 1973, foi recentemente citada pela Prof. Fraïssé, num livro publicado na Holanda, sob o título *Lessons on Mathematical Logic*, e já traduzido para o francês.

Esse trabalho trata de uma técnica introduzida em 1961, por Paul Cohen, a técnica de forcing, que consiste na aplicação na teoria das funções, criada pelo próprio Paul Cohen, na teoria dos conjuntos, com a intenção de demonstrar a hipótese dos cardinais, reconhecida profundamente a Matemática. Em 1970, Fraïssé a introduziu na teoria dos modelos.

REQUISITOS

O Professor Mário Sette deu continuidade às pesquisas de John e Francis, no trabalho citado. Não é, porém, sua única contribuição a Matemática. Além de trabalhar nessa área, Mário Sette pesquisa em outras direções, como a noção dos diffeomorfismos, sobre a qual publicou um trabalho em conjunto com o Professor Sérgio Sette. A noção de conjuntos "diferenciais" foi introduzida por Sard, com a finalidade de resolver certas problemas em Matemática Aplicada, tais como a introdução de conceitos invariantes. Vem a área da Física, como a Biologia, a Economia etc., onde existem muitos invariantes ou não de todo exatos, como o "mín. do potencial".

A *fraternidade* trata, em geral, com conceitos precisos. Certos problemas, porém, intrinsecamente essenciais imprecisos, tais como o "reconhecimento de formas" quando se vai trabalhar no computador com manuseios ou na casa de fotografias imprecisas, pouco nítidas, em geral, trilha a muita diferença, problema que surge em viagens espaciais e em Astronomia. Um conjunto "difuso" é aquele em que há elementos que pertencem, não pertencem ou pertencem "mais ou menos", por exemplo, a flora, que se situam entre o mineral e o vegetal, ou certos organismos situados entre o vegetal e o animal.

Segundo Mario Sette, Zuleth não deu um tratamento rigido a sua turma. Usava, nos Estados Unidos, duas ou três tratamentos para a gripe. Mario Sette e Sergio Sette, em seu trabalho conjunto, deram um novo enfoque as febras de Zuleth, assumindo um ponto de vista diferente de Cruz para.

ISAF

O JORNAL UNIVERSITÁRIO publica recentemente um resumo da palestra do renomado filósofo francês Desrobert de La-
portie, em que este defende a tese de que a Matemática teri-
a relação com um impasse de nível da Teoria da Incompletude
de Gödel e dos paradoxos de Russell. Mostrando-se fe em seu
tratativo e na ciência e que se discute, o Professor Mário
Teixeira não concorda com esta tese. "Um dos objetivos bási-
cos da Teoria Matemática, em fundamentos e própria Mate-
mática, hoje não é mais, pois a lógica passou a ser apenas
uma disciplina da Matemática, com vários ramos. Gödel
mostrou a impossibilidade de fundamentar a Matemática
como queria Hilbert. Não se criou um impasse, mas sim-
plesmente vários ramos da lógica, como também novas campos



de aplicação, por exemplo: a) o próprio fundamento da Matemática; b) a Teoria dos Modelos; c) a Teoria das Funções Recursivas (ou Teoria dos Autômatas); d) Álgebra Abstrata.

Mário Sette tem muitos outros trabalhos publicados no Exterior, dos quais não se destacam.

On a Propositional Calculus, publicado no Japão.
Multirrelations fortement Homogènes et ses rapports avec
les théories liées, publicado pela Academia de Ciências de
Paris

Encarregado de Missões de Registros, Inventários, Patrimônio
pelo Universidade de Montpellier, França

Pernambuco do Recife, o Professor Mário Sette é Bacharel em Matemática pela UFPE, e tem Curso de Mestre em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (SP).

Além de suas atividades de pesquisa, dedicava-se sobretudo ao ensino e foi o representante da UFRJ no III Simposio Latino-Americano de Logica Matematica, que se realizou de 11 a 17 de julho, em Campinas.

INFORMATICA

Ele também integra os Departamentos de Matemática (Coordenador) e Informática da UFPE. Dedicase a pesquisas no campo da Lógica Matemática e da Matemática Aplicada.

O Curso de Informática da UFPE é recente. Iniciou-se em 1974, e em 1975 entrou a primeira turma de Graduação. O Curso de Graduação em Informática é dividido em três fases, mas o aluno pode sair como Programador, com três fases, tal como Analista de Sistemas, se quiser, com cinco fases de estudos, ou seja, o grau de Bacharel, podendo continuar na Universidade, fazer Mestrado e seguir carreira universitária, como Professor ou em empresas.

A Informática é uma carreira promissora, de amplas perspectivas e vasto mercado de trabalho, estimulado pelo Professor Sérgio Sette que, no Verêdite, a denomina a carreira que se procura para os profissionais da área.

PROJETO CIDA-CUMBRA

Realizou-se em junho, nas dependências do Departamento de Informática, uma reunião dos professores integrantes do Projeto CIBiCultura, que é uma corrente entre as Universidades de Waterloo e Toronto, ambas do Canadá, e Universidade de Brasília, que sejam, a UFMG, a Universidade Federal da Bahia, o Centro de Ciências e Tecnologia de Campinas (Unicamp), a UNICAMP, e a UFPA.

O Projeto Vida-Cidade é um conjunto entre os governos do Estado e do Brasil, o qual não envolve somente instituições, mas vários outros campos da ciência, principalmente a Tecnologia e Ciências Exatas. Há dois representantes nesses dois setores do Projeto, um no Brasil e outro no Canadá. Para o presidente do Brasil, vem representantes de todas as Universidades brasileiras, como também das Universidades de Toronto e Waterloo, e um representante do Conselho. Para os membros do Canadá, vão representantes de da FNU e de de Nordeste, que é a entidade entre as Universidades da Região. O membro do Canadá (este é a Professora Sonia Bette, Coordenadora do Departamento de Informática da UFPE, representante do Nordeste

"Eu penso muito na mudança dos meios, porque ela pode facultar a renovação dos fins", define-se Cláudio Aguiar, escritor e compositor, acerca de sua estadia na dramaturgia, no texto da entrevista que veremos a seguir.

P — Como despertou em você a vocação de dramaturgo, de tal modo rápido, que já nos deu duas peças no espaço de apenas dois anos? Sobre essas peças — "Flor Destruída" e "Suplício de Frei Caneca" — diferentes tanto no estilo como na temática, poderia nos antecipar algumas coisas?

R — Dizem os educadores que a vocação, a partir de tendências inatas do próprio indivíduo, não pode ser totalmente apagada por esse verdadeiro rolo compressor de fatos e acontecimentos que nos ataca sem pedir licença. Se fugimos dele, tudo que nos rodeia nos chama, nos convoca. O jornal, o rádio, a televisão, o cinema, até o teatro e, enfim, a vida, são, em regra, os responsáveis por este estado de alerta. Claro, há os que não estão de ouvidos abertos para receber ou dar algum recado. Estes são os vencidos, os que se entregam sem reação — os "casos perdidos" de que nos fala um escritor russo. Estes, portanto, têm suas vocações silenciadas, amortecidas.

Neste sentido, a minha vocação de dramaturgo deve ter nascido quando, ainda bem cedo, ajudava ao meu pai a trabalhar nos brejos das terras da Ibiapaba lá no Ceará. Essa vocação de escrever coisas do nosso meio, deve ter surgido das inúmeras histórias que vi o meu pai contar em versos romancados, sobretudo nas rimas de João Martins de Atayá, de, que ainda correm de boca em boca naquelas paragens de minha infância. Deve vir também dos "reisados" do "Seu Zé Luiz", as festas juninas do "Seu Abdoral", as mentiras cabeludas do Zé de Melo, bom contador de façanhas estronhadas. Deve ter se manifestado do primeiro contato que mantive com a cidade — Ipuéiras. Depois, veio Fortaleza, a lavoura desposada do Sol, como cantou Paula Ney. Quem sabe, do colégio onde estudei com muita gente importante: filhos de funcionários públicos, de oficiais militares, de doutores de Fortaleza e também de senhores donos de terra. Ali, eu vi que o mundo não era só o de Poranga, isto é, o mundo da Serra da Ibiapaba.

Isso tudo somado e reduzido a lembranças, no final, dá um saldo positivo. Um saldo que nos assusta, quando os anos passam e a gente pensa um pouco entristecido, que o mundo não é só o Ceará. E mais pensamos nas coisas desta vida, quando começamos a terceira década da existência, verdade que é ainda verde para quem pretende se dedicar às letras, mas bem vivida para quem lutou desde os oito anos de idade esboçando as mãos. E por tudo isso que afirmo: há muitos anos um desejo me perturba e já posso suspeitar de que ele se chama vocação, não sendo, de tal modo rápida, como se não dia para a noite eu inventasse de sofrer para contar como é este estado de graça em que vivem os homens.

Sobre a minha experiência em teatro, quero registrar aqui, que durante a época em que estudei no tradicional Liceu do Ceará, entresemei em várias atividades extra-escolares — fundações de murais, — jornais estudantis, festas e atrações musicais. Foi algumas vezes no palco do famoso Teatro José de Alencar, em Fortaleza, para participar de um Auto de Natal dirigido pelo consagrado e competente B. de Paiva, há vários anos radicado no Rio de Janeiro. Logicamente, os meus papéis eram secundários, pois ainda hoje me considero tímido e pessimista ator.

O repartimento dessas duas peças não constitui um evento casual, esporádico. É fruto de um amadurecimento, de experiência acumulada. Diferente no estilo e na temática? Sim. Mas isso não invalida o objetivo, isto é, o fim. Os meios, acredito, são diversos. O fim, não. Vejamos: no drama, como "Flor Destruída", tocou uma situação indiscutivelmente comum, corriqueira. Trata-se da vida de duas famílias atacadas de um mal que não convergência a ninguém, mas mata de privações. Este mal é a pobreza. Elas sofrem e não fazem isso simplesmente. Vão às últimas consequências, enganando a si mesmas, talvez. Elas querem o quê? A liberdade das idéias, já que os homens lhes negam a que podem crescer.

Em "Suplício de Frei Caneca" utilizei o recurso técnico do Uratório Dramático para chegar ao mesmo fim.

P — Você, que se dedica ao conto desde os primórdios de sua formação literária, encontrou alguma dificuldade na transição para esse novo gênero?

R — Não. Acho que a transição, assim rotulada, deixa muita fronteira. A transição surge como consequência quase imposta pelo ritmo de nossas atividades. Não pretendo ficar nunca preso a qualquer caminho desta área. Sei que há uma distância muito grande, em termos de concepção estética, entre o conto, o romance, o teatro. Mas antes de tudo, é preciso ver também que estes gêneros tenham (transmitir) a quem a eles recorre uma única situação, um só evento extraordinário. Se o artista consegue essa versatilidade, muito bem. Se não, ele está esbarrando, desistindo. Desiste logo ou paralisadamente. Se leva à frente, a sua obra vai sofrendo camuflagem, pouco importante se o momento lhe é favorável ou não. Quem não conhece as dificuldades passadas por grandes escritores?

Stuassma, hoje nacionalmente consagrado, é um exemplo de artista versátil ou múltiplo. Stuassma — o poeta, o dramaturgo, o novelista, o romancista, o crítico, se me permite, o editor da boa música entre nós, somando a seu favor um bom saldo de trabalho, já que no nosso meio musical incorpora aspectos significativos, tendentes a definir uma música de raízes verdadeiramente brasileiras. Além, — são essas raízes que grandjearam, fora do Brasil, o reconhecimento e o respeito que muitos compositores brasileiros merecem. Por ser brasileira é que nossa música se tornará universal. E isso, todos sabem, não é impossível, nem racionalismo de veneta.

Então, assim, que há artistas versáteis e artistas não versáteis. Ainda mais, os versáteis correm o risco de cair do lado por tentarem negar a todos portos. Mas, como não há portos, como diz o poeta Inquisidor Angelo Monteiro, não me perderá neste oceano de vontades e frustrações.

CLÁUDIO AGUIAR um dramaturgo que surge

CLÁUDIO AGUIAR tem 31 anos, é formado em Direito. Ficcionista, dramaturgo e colaborador atuante dos nossos Suplementos Literários.

Há mais de dez anos radica-se no Recife, onde participou de inúmeras promoções culturais e artísticas. Em 1972, a Editora Catedra, do Rio, publicou o seu primeiro livro "Exercício para o Salto", coletânea de contos que recebeu da crítica boa acolhida. Publicou ainda artigos especializados nas revistas "Administração & Legislação do MEC (Junho de 1972) e "Serviço Público", do DASP.

Por iniciativa da Editora do Escritor, de São Paulo, teve o conto "Depoimento de um Sábão" incluído na antologia "Estúdio 44", em 1975. Neste mesmo ano foi lançado o LP — "Canto dos Emigrantes, merecendo da crítica o destaque como um dos dez melhores discos do ano.



Os não versáteis, por sua vez, são simples criaturas que, com habilidade, escondem os seus desejos de fazerem alguma coisa diferente. São contidos, daria o mineiro. Depois, quando a gente menos espera, surge o sociólogo o pintor, o poeta nasce o filósofo; o romancista surge o poeta, e assim por diante.

De um modo geral, o que se vê são os versáteis (convenções se alternando com o próprio gênero. A crítica, no final, é quem batiza um pouco o conto e começa a dizer que Machado de Assis não sabia fazer romances e devia ter escrito só crônicas, que não devia ter escrito teatro, mas só conto; que não devia ter se preocupado com a Academia Brasileira de Letras, mas simplesmente escrito poesia. E no final, para tristeza minha, surgem até opiniões como a de uma certa religiosa que não deixa (falo do presente) suas almas lerem o autor de Memórias de Aires, porque ficariam impróprios para os adolescentes.

P — Quanto aos inéditos de ficção, que englobariam não só conto mas novela, obedecem algum plano especial em relação ao seu já publicado "Exercício para o Salto"?

R — Tenho pronto um romance que carrega dentro de si um toque, um amargor e um grito de dor. Por enquanto está intitulado de "Romance do Insólito Tumbodiomango e sua fábrica de Mulheres".

Em relação aos contos, nada tenho de novo, pois concordo com o romancista William Faulkner, quando eloca o conto acima de todos os gêneros literários, abaixo só da poesia. Agora, prefiro esperar mais um pouco.

Não obedeco a nenhum plano trágico ou sistemático. Acho que a obra de arte deve ser íntima, íntima, válida por si só. Se as peças são opcionais, não é obra de arte completa, mas uma montagem, algo que chora a técnica, a habilidade manual. A arte tem que surgir dentro de uma concepção estrutural capaz de permitir ao seu autor aquela satisfação interior, aquela compulsão que nos impõe a andar, a beber, a pintar, a escrever, a pintar, a compor, etc. Ríque para isso. Concedida assim, a obra de arte se povoa de todos

os elementos necessários à sua sobrevivência no tempo e no espaço. Fora disso, o artista corre o risco de se deixar dominar por modismos, estruturas lógicas previamente definidas ou situações canhestras que apenas fazem engrossar o rol dos imitadores.

Os meus trabalhos, até agora, são feitos em obediência a planos pilotos, se é que assim posso dizer. Há uma disciplina, não para seguir roteiros ou plano de obra ordenada. Eu penso muito na mudança dos meios porque ela pode facultar a renovação dos fins. O que o artista precisa ter cuidado é com a manipulação desses meios. Afinal de contas, quem tem boca vai a Roma, mas nem sempre as ruas de lá estão embandeiradas para nos receber.

P — Você encontra alguma correlação entre o seu trabalho de compositor musical erudito e a sua obra em literatura sempre progressiva de ano para ano?

R — Obrigado pelo "progressiva". Isto estimula a gente a progredir. Bom, responder simplesmente que "sim" é um pouco perigoso. Sei que os limites são claramente demarcáveis. A literatura cuidando da palavra e a música dos fenômenos sonoros, à primeira vista, funcionam como áreas diversas. Ademais, tenho que dizer que, dentro de uma ótica rigorosa do enfoque do problema, há de se assinalar que ambas têm um verdadeiro sistema de manipulação de linguagens a se complicarem por regras e até segredos que só os dotados de aguda sensibilidade conseguem detectá-los e plasmar em a interdependência que existe entre esta e aquela.

A partir dessa complexidade que se estende para, só a modo de exemplo, horizontes diferentes, como é que eu, um simples escrevinhador de palavras, posso dar conta desses infundáveis quebra-cabeças? E as complicadas variantes das palavras? Então, tenho que optar por uma situação e declarar que a minha atividade de compositor não extrapola áreas dominadas por homens que se dedicam toda vida à música. Apenas, na medida do possível, componho para o instrumento que gosto.

Eu poderia até dizer, se não parecesse paralelismo, que Lorca, o poeta incomparável e maior (quem sabe) dramaturgo, foi também compositor. As suas peças compostas para piano (Músicas de las Canciones) o colocam como compositor? (Sim, mas não grande. E por seus exóticos desenhos, temos a obrigação de chamá-lo de desenhista ou pintor?

P — Fale-nos sobre "Flor Destruída" e o alcance social do tema, bem como sobre a proposição pretendida em "Suplício de Frei Caneca" na dramaturgia da nova geração brasileira.

R — Já disse que a peça "Flor Destruída" tem uma carga de emoções tendentes a obrigar o homem a pensar no amanhã não como uma coisa incerta mas uma esperança de algo alentador.

A Flor não representa só aquela imagem virtuosamente preparada para agradar a Apolo, o mito que habitou as montanhas da Antiga Grécia e ainda hoje é musa dos poetas que sonham com o Parnaso. A flor é um símbolo, a meu ver, bem necessário a nós que vivemos estes tempos do torráio americano — a esperança. A esperança é uma flor que não nos faltará jamais. Ela poderá ser destruída, mas nunca desaparecerá. E o nosso povo vive alegre porque tem esperança nos dias que virão.

Já com o "Suplício de Frei Caneca", a proposição se dirige ao mesmo fim. Os meios, ao contrário, são outros. Frei Caneca, desde os meus primeiros contatos com a História, sempre me pareceu uma figura grande, máscula, e, acima de tudo, fascinante pelo seu gesto corajoso de enfrentar a morte. E como ele parecia saber com antecedência que o destino lhe reservava este fim trágico: "Firme neste princípio, eu levanto a voz do fundo da minha pequenez e te falo, ó Pernambuco, Pátria da liberdade, asilo da honra, alcázar da virtude! Em ti floresceram os Vieiras, os Negreiros, os Camarões, e os Dias que fizeram tremar a Holanda e deram espanto ao mundo Universo; tu me deste o berço, tu deste ao meu coração a chama ardente da liberdade, contigo eu descerrei aos abismos da perdição e desonra ou a par da tua glória voarei à Eternidade."

Este herói sempre me fascinou, repito. Só nestes últimos anos vim saber que ele foi sobretudo escritor. Li os originais de Frei Caneca, alertado que fui pelo trabalho clarividente do Padre Romeu Perêa. Após essas leituras e meditações, me espantei com uma verdade que não sei se é só minha: Frei Caneca foi uma voz que falou tão alto, que quase todos os pensadores que vieram depois dele, não tiveram outra fonte a não ser a deixada pelo carneiro pernambucano. E o que é pior, nenhum desses "grandes pensadores e políticos" renderam à memória deste indivíduo carneiro a homenagem que merece.

P — Fale-nos um pouco do seu trabalho musical e na contribuição deste trabalho para o texto de sua peça "Suplício de Frei Caneca".

R — O meu trabalho musical é lento. Não disponho de tempo para me dedicar como deveria. Comporno música pela música. Sei que o teatro oferece sempre a possibilidade de se sugerir temas musicais. Claro que são apenas sugestões. O diretor ou encenador aceitarão se quiserem.

Em "Suplício de Frei Caneca", por exemplo, apresento um tema musical aproveitando, inclusive, trechos de um poema de Frei Caneca. Nesse caso, como a peça traz também músicas de Pastoral e do Barba-meu-301, sendo as primeiras opcionais em termos de montagem, acho um dos mais gratificantes momentos do criador — a possibilidade de poder criar ou recriar uma situação utilizando linguagens diversas.

P — Qual o seu conceito sobre tempo e modernidade em sua concepção artística?

R — Não me preocupam muito colocações de ordem temporal. Nem as consequências da atividade do homem no tempo. Porque estes registros interessam mais ao historiador. A mim vale indagar sobre a contribuição que a obra artística traz em benefício dos homens, estribada sempre num muro de arrimo capaz de agasalhar e neutralizar todas as intempéries. A modernidade só me toca se vier com este selo.

Rejane: revelação de cronista

Rejane Gonçalves de Sousa nasceu em Caruaru, onde firmou nome nos movimentos culturais locais. É diplomada em Filosofia, Ciências e Letras pela UFPE, em 72, e estuda atualmente Comunicação Social na Católica. Suas preferências em Literatura: Kafka (principalmente), Guimarães Rosa, João Cabral, surrealismo fantástico latino-americano (Borges, Garcia Marques, etc), Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Antonio Calado e os cronistas modernos. Demonstra, em sua maneira de fazer crônica, uma compreensão bastante aguda do mundo urbano e dos seus problemas, sua linguagem caracterizando-se pelo coloquialismo e pelo espírito irônico.

RECEITA DE CIDADÃO

Um homem posto. Lançado na terra azul, com a mesma displicência comum às galinhas que põem ovos. Registrado no meio familiar como Tião. Iniciado na tarefa do viver, por uma Maria e um João que também nasceram mortos. Um corpo franzino embaixo de uma mente gorda de muitos nada. Contudo, cidadão brasileiro, animal de vez em quando pensante. Criatura filha de Deus. Só que Deus não pode ser responsabilizado pelo engravidamento deste filho, (questão de justiça que eu não dispense, sempre que posso me dar este luxo). Cristão irmão do mar e dos outros bichos da terra. Cidadão sujeito a gripes, úlceras, hemorróidas, sífilis, febres, enfartes, câncer e outros passatempos de menor porte. Não esquecendo o direito de ser atropelado por qualquer carrinho, de comer e ser comido a qualquer hora do dia ou da noite. Contudo, falam por aí, que o mesmo homem terá direito a seus lamentos, protestos e reclamações. Baixinho... baixinho, pra não aumentar a dor de ouvidos do resto do mundo.

Tião costuma perder amigos velhos e ganhar amigos novos. Com a mesma frequência uma dúvida obesa descansa a carne à sombra do seu espírito: Jamais vai conseguir saber se os amigos de agora são mais exigentes, mais vigias, mais opressivos que os de ontem. O tempo, num dia que talvez seja de chuva, lhe dirá. Seria melhor que o tempo não tivesse o cuidado de sempre nos demonstrar que todos os animais de Deus são iguais. Diferem apenas na cor dos

olhos e na estrutura física. Bonecos de um mesmo enchimento. Pra Tião dá tudo no mesmo. Foi criado e "educado" e "programado" para não distinguir os homens, nem tampouco selecioná-los de acordo com uma escala de valores.

Em pequeno, todas as manhãs, todas as tardes e todas as noites, Tião observava uma ruma de lagartixas acomodadas nas paredes de sua casa. As lagartixas, todas velhas e experientes, alimentavam-se de um tipo muito pequeno de inseto. E individualizando a comida. Eram tantas... e nunca pensaram em se unir pra apalhar um besouro grande e mudar de prato. Pelo menos aos domingos. Dá-se o descontento: para lagartixas, todas as paredes parecem servir e todos os dias precisam ser iguais. Mas uma coisa que impressionou o futuro cidadão, foi o baixar de cabeça de todas elas. E apaixonou-se por isto: cresceu abaixando a crista. Apagado. Afogado. Estrangulado. Cheirando a leite dormido. Como todos, pensando o que nunca fará e fazendo o que nunca pensou. E, contudo, criatura irmã do vento...

Um despreocupado. E vive! Já morreu várias vezes. É um bípede apto a ir e vir sem reclamar. Nunca pensou no peso que carrega por sua condição de homem. E se for apenas um macho?... Simplesmente veio. Não é, mas está. Na palidez do seu pensamento, o sangue está proibido de se chegar, numa vontade de ficar ou de partir. É tão somente um homem à disposição. E no en-

tanto, criatura irmã do vento...

Num dia de sol muito quente, Tião deitou-se no quintal de sua casa e dormiu... Era um homem de fino trato. Pisava em chão vestido e trazia o pescoço apertado por uma corda de sêda. Cobria o corpo com roupas, feitas do suor de outros cidadãos e tinha à sua mercê um mundo de lagartixas, reveando-se para que nada lhe faltasse. Quando os bichinhos não lhe abaixavam a cabeça, o homem poderoso armava-se de uma ira terrível: com o chicote da lei es- traçalhava os rebeldes, com gosto igual ao do menino que roda pião. Nem sequer pensava que também as lagartixas sofrem de torcicolo, passando, às vezes, anos e anos impossibilitadas de fazer o movimento de cabeça que lhes é peculiar... Era um senhor de fino trato. Do seu escritório, no topo do Universo, decidia o destino de todos nós. Além disso, era proprietário exclusivo do sol e de todas as galáxias. Distribuíra raios solares e pingos de chuva de acordo com o seu bom humor. Era pródigo em ordens e avarento em dádivas: doença comum a todos os "senhores". Nunca abaixava a crista, pensavam. Era um homem de fino trato. Que Deus o tenha e o diabo o guarde.

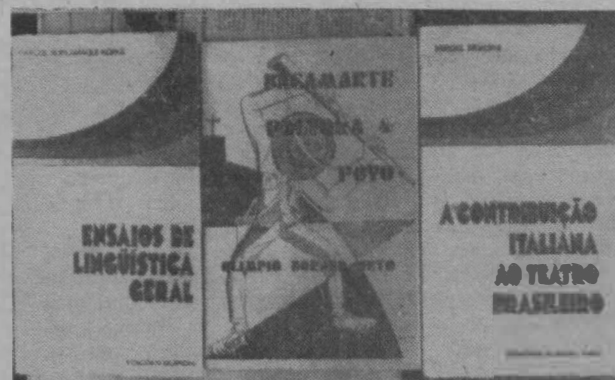
Tião acordou. Os olhos pregados de sono, o corpo inteiro pedindo descanso. Não dá. Vestiu-se apressado. O tempo não dá. Engole depressa. O tempo não dá. Corre atrás do ônibus, depressa. O tempo não dá. Mata-se por um lugar na fá-

brica, na roda de amigos, na própria casa, dentro de sua própria pessoa. O espaço não dá. Vive de pouca vida, igual às lagartixas suas irmãs. O ar não dá. Vai depressa, volta depressa, pensa depressa, ama depressa. O tempo não dá. O tempo corre. Voa. "De outra vez passo devagar", promete. Não cumpre. O tempo desengana. Monta num cavalo brabo, desimbesta nos prados e, embora Tião tenha construído cercas, há muito que esse poltrão selvagem pulou. O tempo escorrega de suas mãos e cavalga nas horas, viscoso feito dentífrico. O cavalo levou suas promessas pro infinito. E o tempo não dá. Deita-se na cama de todos os minutos. Mas a Tião, não dá. E o pacato cidadão come, vive, anda, morre, depressa, depressa, mais, mais depressa. Cansa. O tempo não dá. Tem dias em que os seus dedos deslizam pelos cabelos do tempo, tentando pervertê-lo, subjuguá-lo e obrigá-lo a dar. Rapaz teimoso e burro. Faz tempo que eu digo que o tempo é um cara (em certas determinadíssimas circunstâncias) super seguro, parente de sapo: não dá assim, sem mais nem menos. Não dá, não vende, não troca. Mas Tião, criatura inteligente, confiante e prática, fez proposta de aluguel. Rapaz teimoso. O tempo falou bem alto, pra todo mundo ouvir: "Com assalariado, nada feito".

Tião tem vontades...

Mas nas paredes de sua garganta se arrasta uma velha lagartixa.

A CONTRIBUIÇÃO ITALIANA AO TEATRO BRASILEIRO



A Editora Quíron, através de sua coleção Logos, dedicada à ensaística acaba de lançar "A contribuição Italiana ao Teatro Brasileiro" (1895/1974) de Miroel Silveira. Trata-se de uma séria pesquisa, acompanhada mesmo da transcrição teatral das cenas mais importantes de diversas fases do Teatro praticado no Brasil/Sul sob a influência Italiana. Com esse lançamento, a Editora Quíron, dirigida pela escritora Nelly Novaes Coelho, apresenta uma importante contribuição para os nossos homens de letras no sentido de lhes mostrar uma face praticamente desconhecida da multiforme tradição teatral brasileira.

BACAMARTE PÓLVORA E POVO

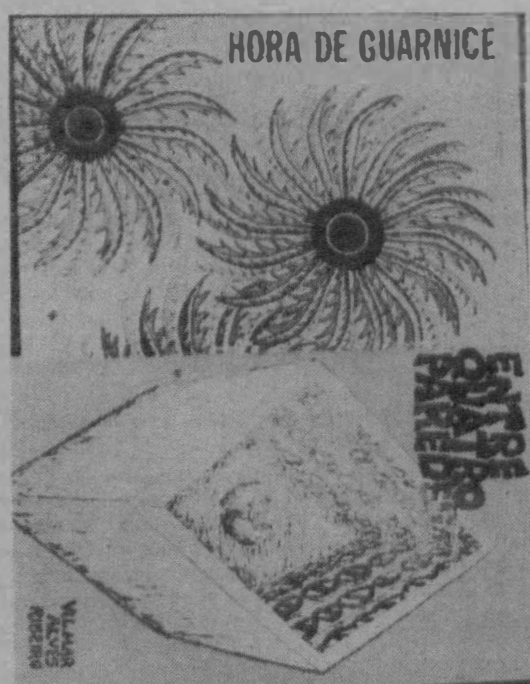
Com "Bacamarte Pólvora e Povo" (edições Arquimedes, Rio de Janeiro) Olimpio Bonald Neto acrescenta à nossa bibliografia folclórica, através das vias turísticas, das quais é uma das maiores autoridades, uma obra importantíssima em sua fixação de aspectos da nossa cultura, ainda bastante vivos, como o dos grupos bacamarteiros ainda existentes, sobretudo em Caruaru, em nosso Estado.

Ao mesmo tempo que um esporte, uma tradição viva, o bacamartismo, que tem até sociedade — a dos Bancamarteiros — que existe não só no sertão e no agreste, mas até mesmo na Zona da Mata, mereceu do escritor Olimpio Bonald Neto uma exigente análise, a que não faltou, além de elegantes recursos de estilo, uma cuidadosa pesquisa etimológica das coisas ligadas a esse curioso esporte.

LINGÜÍSTICA

"Ensaio de Lingüística Geral", de Carlos Burlamaqui Köpke, publicado pela QUIRON, de São Paulo, enfeixa uma série de estudos que vão das análises da lingüística histórica e comparada até a uma reinterpretação dos textos mais significativos da nossa literatura, incluindo, entre os novos, Mário Chamie.

A obra se conclui por um depoimento sobre Cassiano Ricardo, salientando-lhe a especificidade da linha crítico-poética, com estas palavras: "Quando Cassiano se aproximava de qualquer estética, criava com ela relações expressivo-impressivo, uma interação da consciência hiperestesiada do eu".



José Rossini Campos Corrêa, nascido em São Luís do Maranhão, em 8 de setembro de 1955, e cursando o 2.º ano de Ciências Sociais na UFPE, e Vilmar Alves Ribeiro, nascido em São Luís do Maranhão, em 21 de março de 1954, representam duas manifestações jovens da poesia maranhense. O primeiro participou de uma antologia de poesia nova no Maranhão, intitulada "HORA DE GUARNICE" e o segundo estreou recentemente em livro com título: "ENTRE QUATRO PAREDES".

Dois Poetas do Maranhão

INFINITUDE

VILMAR ALVES RIBEIRO

— Aquela porta sempre abrirá,
Quando nunca esperarei,
Dela aparecerá monstros com faces eternas...
Haverá o sorriso lúgubre da morte,
Esperando sua céia predileta — O homem.
O de hoje, de amanhã,
O homem que não virá no amanhã quente.
Dentro da casa tem um jarro cru!
Recluso originário da paciência,
Afortunada, afogada sempre esperada — monstros indefinidos.
Faces acaces sentadas sobre pedras pálidas,
Do susto da coerência excedente dos monstros opacos,
Na escuridão.

P O E M A

ROSSINI CORRÊA

Kvalo Marinho
compacto contigo
o puro ninho
que navegaste, perigoso,
a barco a vela
desprovido de cais,
que por ti, procela,
separa-se da paz
presente na praia
próxima ou distante
na qual, vê-se a sala
da fêmea sugante
que retém
sargaços/crustáceos
para a seresta longa
de regressar a belém,
berço de carne
sexovirgem
no ballet salubre!

Ascenso Ferreira e sua contribuição à antropofagia

Das revistas ligadas ao Modernismo, as mais características e representativas foram KLAXON e a REVISTA DE ANTROPOFAGIA, ambas publicadas em São Paulo.

Como explica Augusto de Campos, na apresentação da republicação patrocinada pela Metal Leve, José Luis Garaldi descobriu uma coleção quase completa da revista

ta, que pertencera a Tarsila, agora pertencente a Oswaldo Estanislau do Amaral Filho, sobrinho da grande pintora. Faltava apenas uma página do "Diário de São Paulo", que o mesmo Garaldi conseguiu adquirir.

Trata-se de algo explosivo na literatura nacional. Desde o primeiro número, que

apresenta o famoso "Manifesto Antropófago, de Oswaldo de Andrade.

Apresentamos o poema Bahia, de Ascenso Ferreira, publicado na Revista de Antropofagia em 1928, em seu número 3, e a Carta a Orris Barbosa, em que o poeta rebate as críticas feitas ao poema citado, num fêlto todo antropofágico.

B A H I A

ASCENSO FERREIRA

Bahia — Vatapá!
Bahia — Carurú!
Bahia — Acaçá!
Bahia — Oxinxin!
— Abará!
— Acaragê!
— Efó!
— Carurú!

Brasil de besteiras,
Brasil travesti,
Brasil camouflé,
Te dana Brasil!

Te dana Petit-pois!
Te dana Macarrão!
Te dana patê-de-foie-gras!
Viva o Carurú!

YOYO!
YAYA!

Eu quero é virar bahiano!
Eu comi hoje a alma bahiana,
na, na, na mesa lauta da prêta Eva!
Por isso sinto em mim graves
tendências de orador!
Olhem, ou vou até fazer um
discurso!
La vai tempo:

Meus senhores!
Recife tem pontes,
Recife é bonito,
Tem "Bois, tem Reisados,
Tem Maracatús...

Porém o Recife
Não tem mais as Evas
De chales vistosos,
Vendendo de tarde
— Peixe frito,
— Agulha frita,
— Siry cosinhado,
— Pirão de Aratú!

Enquanto a Bahia
Tem tudo e inda mais:
Tem 365 Igrejas!
— As mais lindas Igrejas do
Brasil!

E tem

— Vatapá!
— Oxinxin!
— Efó!
— Carurú!

Viva a Bahia!
— Canudos da tradição do
meu Brasil!

(Recife)

CARTA A ORRIS BARBOSA

Você é um sujeito inteligente, e, por isso, vai merecer que eu perca alguns instantes de minha vida exgotada mode lhe dizer duas palavras como resposta à parte que me toca no seu artigo sobre a Revista de Antropofagia.

Primeiro que tudo eu estou de pleno acordo com você: — o meu poema Bahia é uma jossa!... Mas não é uma jossa pela questão-rítmica que você julga, erroneamente, influenciada por João de Deus.

Ele é uma jossa porque foi uma simples brincadeira que eu fiz só para meter o pé nas tendências oratorias dos bahianos.

Eu passei lá e comi aquelas comedorias gostosas que valem mais do que qualquer literatura minha, sua ou seja lá de quem fôr...

E vi o bahiano discursando em vez de comer! Perdendo tempo.

Ora, quando a creada diz a você: "Seu Orre a janta tá na meza", estou certo de que você, nordestino como eu, e, como eu, filho de tres raças gulosas, das quaes duas antropofagas e uma que fazia pratos pra comer do tamanho da lua cheia no nescedôro, não ha de continuar com os olhos fitos no papel (caso esteja produzindo) para deixar a comida ficar fria.

Não, parece que estou vendo você avançar pra cima das buxadas, dos mocotós, das feijoadas com tripa de porco e cabeça do dito, que é aquela desgraça!

A menos que você não seja empalemado, ou sofra de sezões, ou de espinhela caída, ou do tangolo, ou do mangolo, ou da molestia do ar...

Mas, como ia dizendo: comi as comidas gostosas da Bahia e dei um berro de entusiasmo!

O diabo da literatura, entretanto, me estragou o poema, que teria sido excelente, como obra de modernidade, se eu tivesse posto em jogo nelle apenas um sentido: — o do palladar.

Por isso é que elle é ruim; pela metrica não.

Porque a sua afirmativa de que é de João de Deus a metrica de cinco silabas nelle usada por mim, só serve para comprovar, mais uma vez, quanto essa mania de cultura estraga a mentalidade do brasileiro.

Ora vejamos: Você tem ahi cantando no pé do ouvido os versos do Martelo:

"Lá no meu sertão,
Tem muita quixaba,

Que é cumê de caba,
Tambem de cristão...
Faz massa na mão,
Dá dô de barriga,
Tem caba do aço
Qui morre e não brígal!"

e vem falar de João de Deus, o qual escreveu, realmente, alguns versos de cinco silabas, todos quase, entretanto, ajustados em quintilhas, enquanto a forma do Martelo é sempre de oitavas!

Além disso você não notou que eu vou fazendo alternativas para outros metros, continuando, contudo, absolutamente rithmico o conjunto:

Recife é bonito, — 5
Recife tem pontes, — 5
Tem "bois" tem Reisados, — 5
Tem Maracatús... — 5
Porém o Recife — 5
Não tem mais as Evas — 5
De chales vistosos — 5
Vendendo de tarde — 5
Peixe frito — 3
Agulha frita — 4
Siry cosinhado — 5
Pirão de aratú — 5
Emquanto a Bahia tem tudo e inda mais — 11

Essas alternativas, e sobretudo as passagens por mim realizadas dos rithmos mais marcados para os rithmos mais dissolutos, são o que constituem algo de modernidade em meus poemas.

Antes de você ler João de Deus, bichão, cuja unica approximação com minha poetica é ter sido um cantor popular em uma lingua de onde a nossa lingua nasceu, precisa prestar atenção ao modo de versejar dos cantadores da zona da matta e do sertão, e, bem de pressa, se convencerá de que, em meio do modernismo brasileiro, eu constituo um caso aparte.

Um caso ruim, convenhamos, mas, em todo caso, sempre um caso...

Deixe, pois, João de Deus em paz para escutar violas, meu bem, depois entre na carnificina que a mocidade brasileira está fazendo para banquete da geração de amanhã.

Mesmo porque, se você não entrar na dança entra na faca! Vamos!

Pega o pirão, esmorecido!

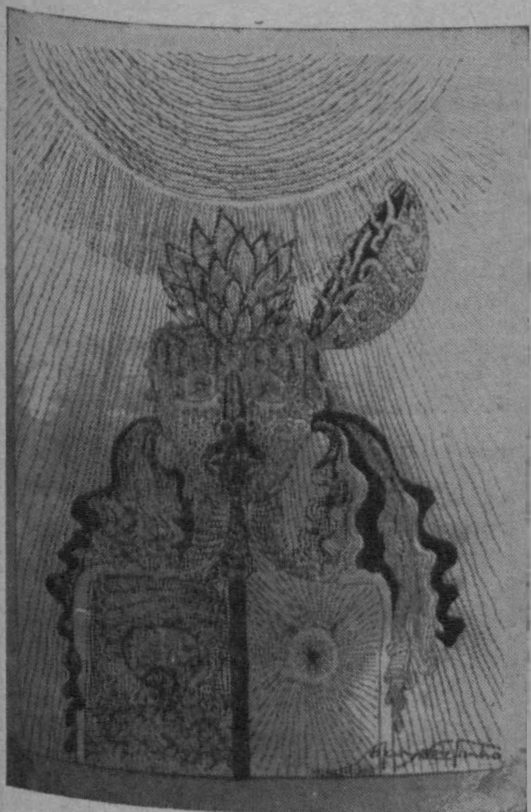
(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

Fernando de Araújo e a recusa ao arbitrário



Fernando de Araújo Júnior (F. de Araújo Júnior) cursa Letras na Faculdade de Formação de Professores de Vitória de Santo Antão. Nascido a 22 de abril de 1952, em Palmares, dedica-se desde os quatorze anos ao desenho, manifestando em seu trabalho a marca de algumas influências mais recentes na história da pintura, como a do pontilhismo, encaixado por Mondrian, que nele se acrescenta por uma recusa à mera invenção arbitrária de objetos, de um forte apelo realista que lhe advelo não só de sua admiração pela literatura e, em especial, pela poesia porém do sentido teórico que ele empresta ao desenho que, segundo ele, deve ser a transposição de um texto a princípio literário.



Solange em ligeira amostragem

Solange Coutinho é aluna do Colégio Marista e, há algum tempo, sentiu que tinha vocação para as artes plásticas. Começou a desenhar. Aqui uma amostra em bico de pena do que vem fazendo Solange: um trabalho sugestivo de quem começa a descobrir sua técnica.



Um Poema de Inaldo Cavalcanti

E este amor, este amor que me visita
o corpo demolido pelo escuro
insinuar-se do tênue vazio,
violentado na agressão das coisas!
Por que este amor surge a passos leves,
anunciando súbitas fronteiras
divisoras na carne, agir, pensar?
A passos leves surge provocando
a fúria das palavras e zombando
— Imperador que tem em si o império —
de tudo quanto não pode espelhar
a sua essência fechada, cristal
submerso no limiar das definições.
Amar. Impossível. Mas amar
arrebentando limites pulando
o muro disfarçando a cicatriz
iludindo a cidade recebendo
o soco, e amar, rompido o inicial frio:
— não consigo. Derrota. Me premio.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Aqueles que em nosso tempo estão imersos naquilo que a filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda batizou muito gentilmente de "rodopio intelectual", não poderão entender o sentido de missão daqueles espíritos que procuram ou impõem uma ordem, numa radical oposição à desordem generalizada que corre por conta não só de males estruturais de uma época de transição, porém de uma atitude mais de que de uma idéia filosófica que pretende tirar proveito dessa desordem ou desse aviltamento da matéria e do espírito, da vida e da morte, porque a própria morte resultou desonrada nessa ante-câmara do Apocalipse, que é a nossa época, em vias de encontrar-se ou de perder-se num confronto definitivo consigo mesma. Contra uma ordem carcomida nos seus fundamentos, o artista épico figura uma fortaleza espiritual, porque opondo-se às condescendências do medo, inclusive do medo do Milagre, pode ser capaz de instaurar, monolítica como uma pedra, uma certeza, mesmo que essa certeza não venha a ser escutada ou precisamente por isso. Contra os relativismos, o artista épico constrói, a despeito do limite de suas forças, uma certeza; contra as dúvidas ele ergue a Fé; contra a palavra profanizada ele opõe a santida-

de da palavra; contra a mobilidade da água a constância da pedra; contra a degradação da carne e do espírito a inquisição pelo fogo.

E este mundo apenas entrevisto, em meio aos desequilíbrios de ruptura do velho, não só agora, mas de muito começou a surgir, ainda que sem nitida consciência de si mesmo, através dos artistas participantes que, como Lorca e Neruda, combateram corajosamente as injustiças entre os homens de seu tempo; através da legitimidade de algumas vanguardas que demonstraram que a função do artista é menos contemplar do que atuar sobre a realidade, revivendo-a através da arte; naqueles que, como Baudelaire, num sentido mais estrito, ou que mais amplamente como Saint-John Perse, Rilke, Fernando Pessoa (principalmente o das Odes de Ricardo Reis e o de Mensagem) Whitman e Jorge de Lima allaram o mítico, o erótico, o metafísico, o místico e até o religioso, complementando o anseio social de uns, e a renovação expressional de outros e, finalmente, nos nossos e seus grandes antecessores Homero, Virgílio e Dante e principalmente este último que, ao lado do luminoso espírito de William Blake, espalhou o fogo da grande loucura sobre os

devotados apenas às delicadezas e aos maneirismos de escolas tanto anteriores como posteriores a ambos.

No ensaio sobre a poetisa norte-americana Sylvia Plath, a que me reporte mais acima, principalmente na parte que se refere aos riscos da poesia lírica, a crítica e romancista Joyce Carol Oates traz algumas reflexões que, por correrem o perigo de passar despercebidas, merecem ser consideradas, dada a sua profundidade. Falando sobre a poesia, diz ela: "A poesia, como toda arte, exige que o seu tema seja sagrado. A arte é a sacração do seu tema. O problema, então, se apresenta quase insolúvel: como o poeta poderá tornar-se sagrado? Depois de se expor e revelar, dramatizando suas fantasias e terrores, o que poderá fazer? A maior parte da poesia moderna é zombeteira, cinica e desdenhosa de seu tema (seja o próprio eu, ou os outros), amarga ou divertida, friamente indiferente. Ela foge da atividade de tornar sagrado o mundo profano, porque só pode aproximar-se do mundo por meio do seu ego como tema; e a tarefa de se glorificar é impossível. Por isso, o estilo irônico. Por isso, o silêncio".

Da educação ao ser da Matéria



Autora do maior ensaio de antropologia filosófica e de filosofia da cultura já publicado em nosso país, que é "Pedagogia do Tempo e da História", no qual assinala e demonstra a contribuição do pensamento judaico à civilização ocidental, a Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda teve três livros lançados este ano, pela Editora Universitária da UFPE: o primeiro, "Educação no Brasil", em sua segunda edição; o segundo, "Diálogo e Meditação do Viandante" e o terceiro, "O Ser da Matéria".

O primeiro é um estudo antropológico de nossa formação brasileira, já desdobrada em sua obra anterior "Os franciscanos e a Formação do Brasil", e pretende mostrar, com dados históricos, a influência pedagógica dos jesuítas, ao seu ver paradoxal, além de enfatizar mais uma vez a contribuição franciscana. Sua análise principia pela herança histórico-cultural portuguesa e culmina na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1961 (pós a obra foi escrita em 1963).

"Diálogo e Meditação do Viandante" é obra de uma pensadora no sentido tanto filosófico como ao mesmo tempo literário do termo. Utilizando a difícilíssima técnica do diálogo, que tem em Platão o mais glorioso dos antecessores, mas sem também abandonar o monólogo do homem consigo mesmo, a Prof.ª Maria do Carmo Tavares de Miranda escreve um dos livros mais sérios e difíceis da atualidade.

O Viandante dialoga com CHRONOS, Diké, Mnemósina, Thémis, Nêmesis e o Amor. Chronos, o Tempo, ensina-lhe que "o caminho despoja o viandante de suas vestes" e que "a vida do homem é vívida em parte: o parto do dar à luz e o Parto do verbo partir". Vida e morte são, portanto, tomadas como duas polaridades dialéticas do habitar do homem sobre a Terra, enquanto que o Tempo, que é Duração Ilimitada, não pretende confiná-lo nem suspendê-lo em sua interrogação sobre a Realidade.

Essa obra, segundo opiniões valiosas, pode ser perfeitamente comparada aos diálogos do Platão e não perdem em força para obras capitais como "Assim Falou Zaratustra", de Nietzsche, porque nela houve a difícilíssima aliança ou confluência de dois poderes: o do pensamento e o da linguagem. Para usar de uma interpretação heideggeriana, essa obra representa também uma destinação: a de corresponder à palavra do Ser na História; do Hoje, do agora, neste país e neste tempo.

Finalmente, "O Ser da Matéria" faz parte da coleção Filosofia e Metafísica, como seu 4.º volume. Essa coleção foi assim dividida pela Prof.ª Miranda: 1) Metafísica e Saber Teorético; 2) Pensar e Palavra do Ser; 3) O Ser do Devir Material; 4) O Ser da Matéria; 5) Ser do Homem e seu Destinar-se; 6) Por uma Poética do Ser; 6) Sobre o Ser.

No volume quarto, "O Ser da Matéria", a Prof.ª Maria do Carmo procurou justamente demonstrar que um pensar profundo, que seja filosófico, não pode perder de vista a formulação científica, mas sim compreendê-la, já que tal formulação deve se basear necessariamente em pressupostos filosóficos.

"O Ser da Matéria" procura conciliar a filosofia e a ciência, como âmbitos ao mesmo tempo distintos e inseparáveis. Por tal razão, a coleção Filosofia e Metafísica, a que pertence essa obra, já pode ser vista como um dos acontecimentos mais importantes da Universidade em todos os tempos.

Três Ensaio Sobre Miguel De La Fuente

Miguel de la Fuente, místico e psicólogo da Ordem Carmelita, nascido em 1573 e morto em 1625, é motivo de mais um volume, que vem se acrescentar à bibliografia já valiosa, sobre os místicos, empreendida inteiramente pelo Pe. Romeu Peréa, através do Instituto de Letras da UFPE.

A obra, uma publicação da Editora Universitária, é apresentada magnificamente pelo Pe. Romeu Peréa, e encontra sua culminância no ensaio da Prof.ª Maria do Carmo Tavares de Miranda, que estuda os fundamentos filosóficos da doutrina do místico espanhol.

O Inquisidor: a redenção pelo fogo

LUCILA NOGUEIRA

Esta a profecia que faz o Poeta Ângelo Monteiro aos irmãos de seu tempo. Está escrito, portanto, o poema do Juízo: um fogo unificante, ilimitado e eterno, transformará o mundo, purificando a terra, a paz trazendo aos homens nas chamas que navega — o fogo apocalíptico que instaura a nova era.

Eis as armas da poesia, vencendo o sono das pedras. Apologia do sonho, alegoria da espera. A redenção concebida da chaga rubra e secreta. Em cada dúvida a chave que a vida humana liberta. E a cada cinza uma estrela, testemunhada na treva.

Do sacrifício — que é luta — o amor vai jorrar como um rio aureolado de cores, que se renova no leite, frutificando o deserto. Como o Cristo foi na Virgem: fruto, grão, verdade e guia da multidão controversa.

O Inquisidor vingará pelo fogo a sua terra, expulsando do templo os falsos estandartes, arrebatando a porta submersa. E a ele ofertaremos nosso cálice: intacto, dourado — pois velamos — entornando as asas mortas sobre o sangue, onde não de renascer néveas, etéreas.

O Inquisidor mergulhará no abismo, enlaçando o absoluto nos destinos, superando a todo antagonismo, subjugando todos os demônios que no lodo segregam suas serpes, e elevando uma fé sobre a vergonha resistirá dançando a sua prece.

Um sinal interrogante, que é o próprio homem convulso, debruçado sobre o mundo que a sua angústia reflete; o fio argenteo da vida ameaçado no ponto da morte que permanece.

O Inquisidor: um Poeta violando com seu canto, sob um hermetismo aparente, a verdade do universo. Uma arte que é audácia, palavra, imagem, idéia. Muito além do vil brinquedo dos que seu nada projetam. Além da farsa daqueles que em ecos martelam seus versos. Pois não há maior poesia que a vida: luz e mistério.

O Inquisidor: uma ética.

"Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; absolvi, e sereis absolvidos". (Evangelho de São Lucas, cap. VI, v. 37). "Pois tudo o fogo, aproximando-se, julgará" (Heráclito, frag. 66). "Deus é, ao mesmo tempo, o Pai de toda a expectativa, o Senhor da Espera, o Fogo Violentador e Purificador de toda a esperança. Amém". (Ângelo Monteiro, O Inquisidor).

Recife, 1976.

Da objetividade, da forma e do dizer

FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA

1.0 — A POESIA não poderia ficar imune à crise de significação da época. Atravessamos um período difícil, quando a tecnologia, criada pelo homem, tende a dominá-lo e emaranhá-lo pelos seus neurônios adentro, modelando-o à sua imagem e semelhança.

1.1 — NOS PAÍSES mais evoluídos do planeta já se esboça uma reação a essa robotização do homem, às vezes usando dos próprios recursos da tecnologia. No nosso país, corremos o risco de, levados pela euforia do desenvolvimento, tomarmos a exótica magia da técnica como o protótipo de todas as atividades humanas, inclusive a poética.

1.2 — É FATO comprovado que o homem contemporâneo está sujeito aos perigos da dicotomia do intelecto e da emoção, considerando tudo que vem desta última, coisa suspeita, numa concepção enganosa que confunde objetividade com cerebralismo.

1.3 — ENQUANTO psicólogos advertem contra os perigos de tal confusão, enquanto filósofos e cientistas procuram alternativas para a "exatização" das ciências humanas, a poesia, que em todos os tempos assumiu o papel de porta-voz das forças instintivas não sujeitas à repressão, dorme hoje no entorpecimento geral da objetividade sem limites.

2 — DA FORMA

2.0 — A FORMA suplantou o conteúdo em toda manifestação poética, de sorte que, hoje, pouco se diz e muito se elabora, no vazio geral que reflete a dicotomia citada.

2.1 — EM NOME da dignidade da poesia e das conquistas do modernismo, é preciso reivindicar os direitos a duras penas conquistados desde os pré-modernistas, tais como o verso livre e a liberdade temática, aceitando as experiências de vanguarda, desde que não recaiam num experimentalismo semipatético e estéril, unir as forças contra o PARNASO PÓS-MODERNISTA, que, progressivamente, se instala como poesia estabelecida, servindo, inclusive, de modelo para os novos, que, diante de tal engano, têm sua criatividade juvenil desvirtuada para os mesmos exageros experimentalistas improdutivos.

2.2 — A TESE, da forma como "esqueleto" a preencher é um engodo. Não é mais que um sucedâneo do idealismo filosófico. A experiência — que é a única evidência — mostra o inverso, que não há forma a ser preenchida, mas concretizada, e surge no instante da criação, em outras palavras, a forma não pre-existe ao poema: a forma não é uma forma.

3. — DO DIZER

3.0 — REFLETINDO o vazio de significação da era tecnológica, a poesia deixou de falar. É preciso, mais do que nunca, DIZER, e o que deve ser dito fica a critério do poeta, desde que fale, transmita, diga.

3.1 — O SENTIMENTO deve ser retirado do purgatório a que foi condenado, o ser humano deve ser apanhado em sua totalidade, cerebral, visceral, psicológica e sentimental, e todos os preconceitos precisam ser abolidos mais uma vez. Tudo é permitido, desde que seja belo.

A grosso modo, produtor é o indivíduo que contribui financeiramente para a confecção de uma obra cinematográfica. Das mil e uma atividades de Hollywood, a do produtor é a que mais incendeia a nossa imaginação. Na aurora do cinema nos Estados Unidos, o filme era um instrumento do produtor. Adolph Zukor, Jesse Lasky e William Fox, todos produtores, eram, na realidade, quem obtinha o dinheiro para os seus próprios filmes. Mas o produtor fazia muito mais do que isso. Era ele quem tinha as idéias, escrevia as legendas, construía os estúdios, escolhia exteriores, contratava homens e alugava equipamentos. Certa vez Jesse Lasky disse: "O produtor tem de ser um profeta e um general, um diplomata e um homem de paz, um avarento e um mãos-largas, um visionário moderado pelos fatos. Tem de ter uma ousadia disciplinada pela precaução, a paciência de um santo e a dureza de um Cromwell". Lasky definia o produtor e a si próprio.

No entanto, a vertiginosa expansão da indústria cinematográfica resultou na fragmentação da atividade do produtor. O que um só homem fazia no passado, agora é feito por um grande número de indivíduos. Além do mais, hoje os filmes são feitos pelos estúdios e para os estúdios. Assim, o estúdio é um produtor. Como, indagam os curiosos, se os estúdios não são um indivíduo? É simples, cada estúdio possui um conselho de administração e um presidente. E existe um executivo encarregado da produção que é escolhido pelos administradores da companhia. Em Hollywood, esse homem é, de uma certa forma, uma espécie de patrão, na medida em que o presidente e o conselho permanecem em Nova York.

O projeto de Corman

A maneira como Gene Corman (irmão do célebre reali-

zador Roger Corman) colocou em prática um seu projeto de filmagem ilustra, de maneira rigorosa, a idéia de que a organização de um filme é muito variável, assim como é difícil estabelecer padrões fixos de procedimento. Associado a seu irmão, um especialista em thrillers de horror, Corman tinha trabalhado em alguns filmes de diminuto orçamento. A verdade é que adquirira experiência em montar tais negócios. Então, resolveu encomendar ao escritor Leo Gordon uma história de aventuras chamada Tobruk. Em suma, um filme de guerra cuja ação transcorria no Norte da África, a ser rodado pelos estúdios da United Artists. Mas o produtor encontrou o ator Rock

Hudson, que estava magoado com a Universal, a companhia para a qual tinha trabalhado durante vários anos, porque esta não estava disposta a lhe fornecer o tipo de papeis de homem duro que sempre gostara de interpretar. Hudson já havia até abandonado a Universal para ingressar na Paramount, onde faria o papel principal de um filme dirigido por John Frankenheimer. O ator leu o argumento de Tobruk, ficou maravilhado e deixou claro que gostaria de desempenhar o papel principal. Ai Corman acertou com Hudson, ambos foram à Universal e mantiveram as negociações necessárias. Ora, como Hudson era uma das maiores estrelas da companhia, esta fi-

cou enormemente satisfeita. E facilitou tudo, é claro.

O mocinho de Rock Hudson

Como não havia mulheres no filme, Corman tratou de procurar uma estrela masculina para contracenar com Rock Hudson. Contratou o medíocre George Peppard por 400 mil dólares. Então, veio o mais difícil: encontrar um realizador, tarefa ingente porque a Universal tinha idéias preconcebidas quanto a realizadores, mais em relação aos que não queria que em relação aos que queria. A companhia fazia questão que o realizador fosse de sua absoluta confiança e também um nome de gabarito. Corman manteve contato com o vete-

rano e competente John Houston, que ficou interessado mas pediu, logo de início 500 mil dólares. Mas a Universal criou obstáculos, alegando que tivera um par de "más experiências" com Houston — de fato, A Lista de Adrian Messenger e Freud foram autênticos fracassos comerciais. Portanto, o realizador de O Segredo das Jóias foi excluído. A esta altura, o filme, concebido inicialmente como de pequeno orçamento, ascendera, com a inclusão de Rock Hudson, a aproximadamente dois milhões de dólares (estimativa feita pelo departamento de orçamentos do estúdio), mas ele estava com medo de um retumbante fracasso comercial. Ele próprio receberia 200 mil

dólares e Leo Gordon, contratado inicialmente por uma bagatela para escrever a história, estaria de posse de um cheque de 40 mil dólares.

Onde realizar?

Um outro problema consistia em saber o local exato das filmagens. Corman queria que os exteriores fossem filmados no Norte da África e que, possivelmente, os trabalhos de estúdio decorreriam na Europa. Mas a companhia não aceitou. Ela queria que o filme fosse rodado integralmente nos Estados Unidos e, tanto quanto possível, no estúdio. Então, Corman chamou a atenção para o fato de que tal posição encareceria mais ainda o filme, e seria muito menos autêntico no que diz respeito a exteriores. E, mais uma vez, a companhia alegou que acabava de ter outra de suas más experiências com um filme rodado na Europa e produzido por Robert Arthur. Mais uma vez, Corman cedeu. Em seguida, sugeriu Arthur Hiller como diretor, e, finalmente, conseguiu sensibilizar o estúdio.

Dólares a todo vapor

O produtor de cinema pode ser um homem muito rico. Ele recebe os honorários justos pelo seu trabalho e ainda tem direito a uma porcentagem dos lucros. Os honorários de um produtor, tal como acontece com os realizadores, dependem muito de sua reputação pessoal. De um modo geral, produtores ganham mais dólares que realizadores. Por exemplo, um filme cujo orçamento tenha girado em torno dos 4 milhões de dólares, fez com que seu produtor percelesse entre 150 e 250 mil dólares. Caso o projeto tenha sido irracional por ele receber um mínimo de 10% dos lucros, porcentagem que pode ascender a 50% se a sua própria companhia tiver investido algum capital.

JOSE CARLOS TARGINO



maior parte desses seriados. E não é necessário ir muito longe para confirmar tal veredicto, basta assistir a exibição dos seus primeiros episódios. Vejamos, pois:

Arquivo Confidencial — Produzido em 1975 pela MCA Television, com 32 capítulos, trata-se de mais uma história detetive particular. Jim Rockford, o detetive, passou cinco anos na prisão por um crime que não cometeu, e só aceita casos tidos como insolúveis e já devidamente arquivados pelo Departamento de Polícia — pois, como ex-presidiário, encontra extrema dificuldade em conseguir clientes. O detetive é interpretado pelo veterano e razoável ator James Garner.

Homossexualismo, aborto, terrorismo político, assaltos, chantagem, eis os temas explorados por esse indigesto seriado.

Controle Remoto — Produzido em 1973 pela Leslie Stevens e Warner Bros. Television com 23 capítulos, conta a história de três agentes da World Securities, algo assim como uma gigantesca multinacional de seguros. Teleguiados eletronicamente por um gênio científico, o veterano e conhecido ator Burges Meredith, eles são encarnados por três canastrões de primeiríssima ordem: Hugh O'Brien, que já interpretou num seriado o papel de Wyatt Earp, controlado delagado do oeste

americano; Tony Franciosa, que em 1958 viveu no cinema o papel do grande pintor Goya, mas logo emigrou para a televisão; e Doug McClure, célebre por sua participação no seriado O Homem de Virgínia

Para combater o crime, os três agentes dispõem de um inacreditável aparato tecnológico. Por exemplo: uma câmara de TV reduzida ao tamanho de um selo; um pequenino rádio localizado atrás das orelhas, através do qual eles recebem instruções; e um emissor colocado em seus dentes para emitir sinais codificados. E por aí afora... O difícil é fazer com que o seriado prenda por

muito tempo a atenção do telespectador.

Kojak — Eis um policial estranhamente diferente dos demais. Filho de imigrantes tchecos, o tenente Theo Kojak trabalha no setor sul de Nova York e já não conserva nenhuma ilusão sobre sua carreira. Trata-se de um herói bastante humano, mas nada o impede de, às vezes, resolver certos casos com uma boa dose de violência. Nunca consegue obter promoção, pois é freqüentemente crítico em relação a seus superiores. Mathen Rapf, produtor do seriado, disse certa vez: "Ele é imprevisível e nada tem de ortodoxo. Preocupa-se muito com as pessoas. Na selva de concre-

to, pode ser tão selvagem quanto uma verdadeira fera. Ao mesmo tempo, pode prender em drogado e, chegando em casa, ficar deprimido por este ter sido seu colega de escola".

Harry O — Produzido em 1973 pela NBC, com 22 capítulos, conta a história de Harry Orwell, que afastado da polícia por um tiro que lhe afetou a espinha, dedica-se agora a investigação particular. Trata-se, portanto, de mais um detetive particular. Esta série não apresenta muitas cenas de violência, contudo. O personagem é vivido pelo ator David Jansen, já bastante conhecido por trabalhos como O Fugitivo e O'Hara. Richard Thorpe, responsável pelo primor técnico de Os Intocáveis, garante o nível de competência profissional.

O Homem Invisível — Produzido em 1975 pela MCA Television, esta série tem poucos capítulos porque foi cancelada após retumbante fracasso na televisão americana. Tinha tudo para ser, pelo menos, um espetáculo razoável — mesmo porque é inspirada numa novela do inglês Herber George Wells. Conta a história de um homem que descobre a fórmula de se tornar invisível. Quando está visível, o homem é interpretado por David McCallum, conhecido por seu trabalho no velho seriado O Agente da UNCLE.

folclore

ANGELA DELOUCHE

“O folclore não é apenas uma diversão ou um pitoresco variado, mas um capítulo da ciência do homem. Tanto mais o investigarmos quanto mais verificaremos que, na sabedoria empírica e na arte espontânea dos povos ágrafos ou das camadas de folk, há estradas que desvendam o modo de ser da comunidade”.

Renato Almeida

MITOS E CONTOS

Sobre a literatura tradicional ou oral, sobrevivências de antigas culturas, que se constituem em tradições, contendo normas de vida ou crenças religiosas, Arthur Ramos (*) cita os mitos e os contos populares.

Os mitos são narrações explicativas de fenômenos naturais, ao passo que os contos têm esses elementos rarefeitos ou totalmente ausentes. Muitos autores relacionam aos mitos o fator religioso. Com o passar do tempo perdem esse caráter, tornando-se, pouco a pouco, espécies de narrações “heróicas e romanescas”.

A ficção tradicional, segundo Lang, divide-se em três principais categorias: 1) os contos populares dos povos chamados primitivos, onde aparecem animais que falam e realizam peripécias; 2) os contos tradicionais no seio das sociedades mais adiantadas, por exemplo, histórias de fadas de que se ocuparam Perrault e Grimm (e os colecionadores de nossos dias); 3) os poemas e lendas épicas, os contos das grandes civilizações do passado.

Frobenius, de acordo com suas observações na África, distingue: 1) o grupo da mística natural, que compreende os mitos primitivos, os segredos da vida e da morte, as concepções e a história dos deuses; 2) o grupo da magia natural, com as histórias de peripécias, transformações ilusórias e mágicas de puro estilo oriental e 3) o grupo do realismo racionalista, isto

é, onde os contos são narrações de aventuras e história de heróis.

Otto Rank salienta duas características no mito, o primitivo, amoral, onde “os desejos e apetites da humanidade se satisfazem de modo direto, e o conto, com seus disfarces, suas sublimações, seu aspecto moral revelando um intenso trabalho elaborado pela censura social”.

Os psicanalistas encontram analogias (e também diferenças) entre o mito e o conto popular. Rank descobre em ambos elementos totêmicos e eclípiacos. Para alguns estudiosos, o conto parece refletir um estado mais adiantado de cultura, embora deixando entrever, como solo primordial, as sobrevivências místicas e os grandes complexos primitivos. O mito reflete, nos níveis arcaicos da cultura, a abertura para o sobrenatural, para os valores transcendentais que, no começo, foram revelados por entes sobrenaturais.

O Prof. Boas julga quase impossível traçar uma linha rígida entre mitos e contos populares, pois em ambos aparecem os elementos maravilhosos.

Paul Saintyves, folclorista francês, reconhece nos contos que estudou de Perrault — motivos rituais que sobrevivem nas religiões dos povos primitivos. Esse caminho é retomado pelo folclorista russo V. I. Propp que vê nos contos populares a reminiscência dos ritos totêmi-

cos de iniciação, contudo, esse tipo de iniciação era vedado às mulheres e, sabe-se, as fadas e as bruxas são elementos de destaque nos contos tradicionais.

O local de origem dos mitos e dos contos, o processo de difusão, o como, o porquê, da formação de uns e de outros são motivos de confusos debates, dando origem às chamadas escolas mitográficas.

Mircéa Eliade diz que há muitas definições dos mitos, mas a que lhe parece menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: “o mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às facanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação”.

As relações entre contos e mitos é realçada pelo holandês Jan de Vries. Aliás, a interpretação dos contos entrou em moda, há vários estudiosos, em diversos países, ocupando-se do assunto. Outros se detêm no estudo dos mitos, no seu mecanismo e na função que exerceram (ou exercem) na nossa existência, na nossa linguagem, na nossa educação e na nossa arte.

(*) ARTHUR RAMOS de Araújo Pereira nasceu em Pilar (Alagoas) a 7 de julho de 1903. Doutorou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926, com a tese Primitivo e Loucura, aprovada com distinção.

De 1926 a 1947 publicou duas teses, seis opúsculos e dezesete livros. A sua bibliografia geral é constituída de 458 trabalhos originais publicados entre crônicas, ensaios e livros, entre os quais A Aculturação Negra no Brasil, livro indispensável aos antropólogos e folcloristas.

Entre cursos, conferências, discursos, comunicações que realizou, teses que defendeu, seminários e mesas redondas que promoveu, contam-se 96.

Arthur Ramos faleceu, prematuramente, em 1949.

O livro de que nos ocupamos é o seu Estudos de Folk-Lore, 2.ª edição, Casa do Estudante do Brasil, sem ano, com prefácio de Roger Bastide.

“Quem vai ao Pará, parou Bebeu Assaí, ficou”

O fino pesquisador que é Câmara Cascudo cita a expressão acima, comparando-a à ibérica: “Si ha comido las rosas de Utrer (Sevilha) no haya miedo que se vaya”

“Mossoró não é a Capital mas é maior que Natal”

cita Cascudo comparando-a à

“Campos (Córdoba) no es ciudad ni villa, y es más grande que Sevilla”

Sobre as distâncias:

“Légua de Goiás não acaba mais”
“Légua de Bom-Jardim, não tem fim”
“Légua mineira é duradeira”.

Em Toledo (Espanha) dizem:

“Mas margo que la legua de Cabañas”

E em Portugal e Espanha:

“mas comprido q'a legua de póvoa”

“Quem vai ao vento, perde o assento”
“Quién fué a Sevilla perdió su silla”

“Quem vai para o mar perde o lugar”
“Quién fué a Moron perdió su sillón”.

“Quem vai no encanto, perde o canto”
“Quién fué a Jerez perdió otra vez”

“E, tu vexado (apressado), canto ocupado”

e mais:

“Quem vai e vem já acha alguém” ou
“Quem sai para beber, torna a perder.”

Para quem não simpatiza com a nossa terra — cita Cascudo — existe a fórmula cortês:

“Se não gosta daqui, o caminho é por ali”
“Si no te gusta León, ahí tienes la estación” conclui o espanhol.

Fonte: Cascudo, Câmara, ENSAIOS DE ETNOGRAFIA BRASILEIRA, Coleção Consulta Científica 2 Instituto Nacional do Livro MEC, 1971.

CASA DA CULTURA

Dos grilhões à imaginação criadora dos artistas

“No Feliz Reinado do Senhor Dom Pedro II, no dia 8 de Dezembro de 1850, o Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. José Ildefonso de Souza Ramos, Presidente desta Província, assentou esta primeira pedra da Casa de Detenção, mandada construir pela Lei Provincial de 16 de agosto de 1848, n.º 213 e por Por-

taria de 16 de janeiro de 1850 do Ilmo. e Exmo. Sr. Senador e Conselheiro de Estado Honório Hermeto Carneiro Leão, então Presidente da Província. O Engenheiro Civil e Bacharel José Mamede Alves Ferreira, vai executar esta obra segundo o plano por ele executado”.

Assim foi assentada a primeira pedra de “fino mármore branco” na qual havia a inscrição acima citada, da Casa de Detenção do Recife, hoje Casa da Cultura.

O Edifício

O edifício que é hoje a Casa da Cultura é “um belo, vasto e monumental edifício que faz honra a Pernambuco”, na expressão de Pereira da Costa.

Três raios de iguais dimensão confluem para o hall central coberto por uma cúpula metálica assentada em um polígono assimétrico. Para o lado do Rio Capibaribe, guardada por dois torreões, está a antiga casa da Administração com dois pavimentos, do antigo presídio.

A antiga Casa de Detenção é de estilo sóbrio, de características neo-clássicas, de

aspecto simétrico, sólido e equilibrado. Convém evocar dois outros edifícios feitos no mesmo estilo e de autoria do engenheiro Mamede: o Ginásio Pernambucano e o Hospital Pedro II.

O Engenheiro

Quando foi autorizada a construção de uma casa para detentos, no Recife, coube ao engenheiro José Mamede Alves Ferreira, então diretor da Repartição de Obras Públicas, fazer o projeto da casa, e o orçamento, inicialmente de duzentos e trinta e sete contos de réis, mas, com o correr do tempo a alta dos materiais e dos salários dos operários, o orçamento elevou-se a uma quantia superior a oitocentos contos de réis. O engenheiro Mamede também dirigiu os trabalhos. Era ele formado pela Escola de Pontes e Calçadas, em Paris bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra.

A Restauração

O prédio foi desocupado em 1973, ao mesmo tempo em que foi criado o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste pelo então Ministério do Planejamento, quando foi elaborado um projeto de restauração do monumento para seu aproveitamento para fins culturais e turísticos. Coube à FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) a responsabilidade da restauração, cujo plano foi aprovado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

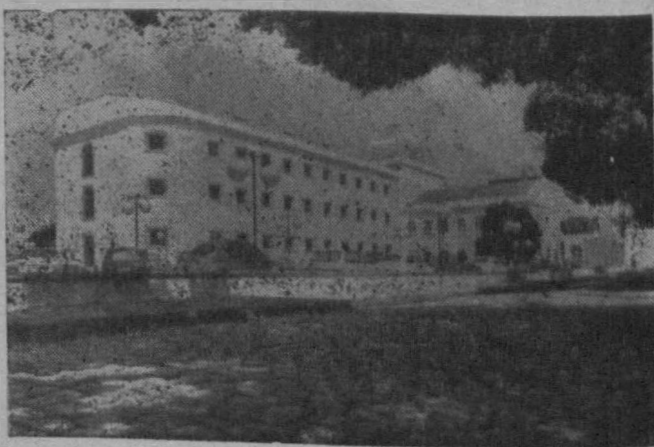
A casa foi dotada de equipamentos necessários ao conforto exigido pelas suas novas funções, respeitando-se, contudo, a sua feição arquitetônica. O custo da restauração

foi de dez milhões e setecentos mil cruzeiros, sendo 20% do Governo do Estado e 80% da Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

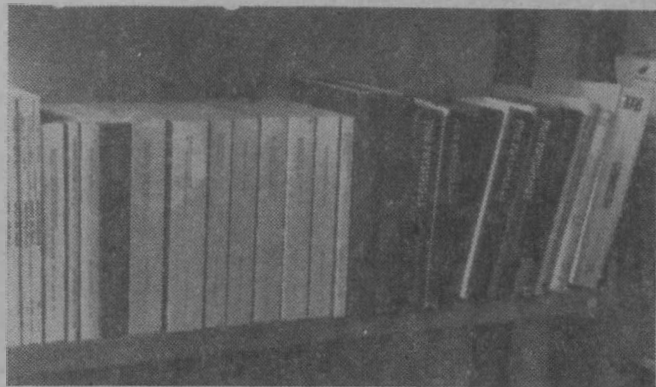
Casa da Cultura

O Programa da Casa da Cultura consta de lojas de artesanato, bares, oficinas de artesanato, Museu de Arte Popular, Museu do Carnaval, Cinema de Arte, Teatro de Arena, Centro de Pesquisa de Arte Popular e Folclore.

Restaurante Regional e Galeria de Arte, manifestações folclóricas serão promovidas periódica e frequentemente assim como promoções artísticas e culturais farão parte constante do programa da Casa. Recentemente festejou a festa da Padroeira, Nossa Senhora do Carmo.



Um fator preponderante na formação dos novos médicos é o problema da bibliografia. Dois aspectos funcionam como barreira quase intransponível para muitos estudantes: os preços elevados dos livros (a maioria continua sendo importada) e dificuldades de idiomas. Então, surge a apostila como alternativa para os que não têm condições financeiras nem falam outras línguas. Uma pergunta vem logo à tona: qual a qualidade profissional dos novos profissionais da Medicina?



BIBLIOGRAFIA: BARREIRA QUE PÕE EM DÚVIDA UMA FORMAÇÃO

O problema do livro didático existe. Nem todos os estudantes podem adquirir a bibliografia exigida pelos seus professores. De outras vezes, é o desinteresse por um estudo mais aprofundado, contentando-se o estudante com alternativas como a apostila e/ou as anotações de aula.

No Curso de Medicina, o problema assume um caráter peculiar, pois, é aos médicos que está confiada a saúde pública. Diante disso, algumas pessoas perguntam: como se pode ter confiança num médico cujo estudo se efetivou à base da apostila e das anotações de aula?

Além do mais, o Curso de Medicina é dos que exigem livros mais caros, nem sempre contando com uma bibliografia em português, quando se instala mais uma barreira: a da língua. Sabemos que nem todos os estudantes dominam fluentemente o inglês, o francês e o espanhol, línguas dos livros mais adotados nas Faculdades de Medicina.

Diante disso, o que fazer? Medidas já estão sendo tomadas pelo Governo, incentivando, através de convênios com as Editoras, uma bibliografia nacional. Outras medidas são sugeridas por Professores e alunos, preocupados com a qualidade do ensino.

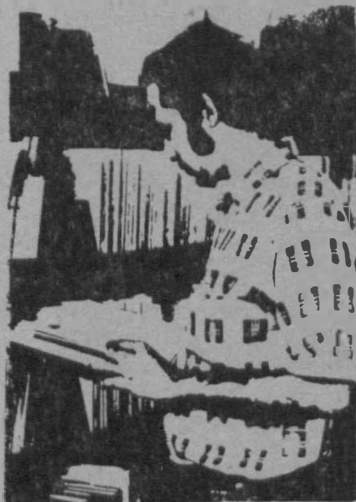
Há livros adotados nas Faculdades de Medicina cujo preço é altíssimo: alguns chegam a custar em torno de Cr\$ 1.800,00. Paralelamente, o material científico também tem um preço elevado por ser, na maioria das vezes, importado, e o nacional, na opinião dos próprios estudantes, não possui ainda a qualidade dos estrangeiros.

Nota-se, no entanto, uma conscientização por parte dos Professores e estudantes, no sentido de não se prender apenas às apostilas e anotações de aula. Estudantes carentes recorrem às Bibliotecas ou adquirem seu livros através de compras a crédito.

"O ALUNO É OBRIGADO A SABER A LÍNGUA DOS MELHORES LIVROS DIDÁTICOS".

O Professor Carlos Peres da Costa é Titular de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFPE. Natural da Índia, salienta que em seu país, até há pouco tempo, havia idêntico problema, tendo sido superado.

Para ele, a língua estrangeira não dificulta o aprendizado, visto que o aluno é obrigado, desde que ingressa na Universidade, a saber as línguas em que são editados os melhores livros didáticos. Na sua opinião, depende da motivação do estudante: aquele que encara seriamente o estudo, sabe superar a barreira do idioma.



Quanto ao preço do livro didático, em edição estrangeira ou traduzido para o Português, Carlos Peres sugere algumas medidas que poderiam ser tomadas pelo Ministério da Educação e Cultura e outros órgãos públicos:

1) Controle, por parte do Governo, do preço do livro didático. O Governo deveria liberar a taxa de câmbio para a Editora, com a condição de esta não vender o livro pelo preço de custo acrescido da taxa de 10%, uma vez que se sabe que a Editora estrangeira já concede 20% de desconto para a importadora.

2) Uma outra medida seria o Ministério da Educação e Cultura subsidiar a publicação de livros didáticos nacionais, o que já vem fazendo até certo grau.

3) Prover ajuda aos autores nacionais qualificados, para que possam escrever livros.

"A APOSTILA NAO SUBSTITUI O LIVRO"

Para o Professor Carlos Peres, a apostila, de maneira

te poderia também comprar o livro financiado.

Carlos Peres enfatiza que não há dificuldade para uma bibliografia nacional. Já existe incentivo governamental aos autores nacionais. Porém, em certos ramos, ainda não há gente qualificada. Há um problema, sim, embora não muito sério, para os autores nacionais: o problema dos direitos autorais que devem ser pagos sobre as citações de livros estrangeiros.

O Professor afirma que o Brasil tem bons pesquisadores no campo da Ciência Médica: o Prof Zerbini, na área da Cirurgia Cardiovascular, conhecido internacionalmente; Paes de Carvalho, que já tem livro publicado; Eduardo Oswald Cruz, no campo da Fisiologia Nervosa e Elzimar Coutinho, em Obstetrícia, entre outros.

"A LÍNGUA ESTRANGEIRA DIFICULTA"

Izayra Queiroz faz o 3º ano de Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da FESP.

Para ela, existe a barreira da língua: "Mesmo estudando a língua estrangeira, há dificuldade, devido a certos termos técnicos; por exemplo, o livro de Gayton, de Fisiologia; nele há alguns termos que não se entende; mesmo a tradução em Português não satisfaz plenamente, devido a certas expressões que não parecem bem traduzidas".

Na sua Faculdade, diz Izayra, não há tanta dificuldade quanto à aquisição de livros, porque há a venda de livros a prazo e o vendedor facilita a compra. A venda através de financiamento direto seria uma solução para os estudantes carentes.

Para Izayra Queiroz, a apostila de maneira nenhuma substitui o livro didático, pois deixa muito a desejar. "A apostila é resumo do resumo, não se aprofunda na matéria. Alunos que não podem comprar livros partem para ela, o que não satisfaz quanto ao aprendizado, devido ao fato de que não informa o estudante sobre o que realmente ele tem de saber; a apostila traz a matéria para as provas, mas não contém toda a matéria que o estudante deveria saber para o futuro exercício da profissão".

"QUANTO A LÍNGUA, NAO HA TANTA DIFICULDADE"

Cláudio Lacerda de Melo está no 6º ano na Faculdade de Ciências Médicas da FESP, especializando-se em Cirurgia.

Sua opinião é que, em Medicina, os termos técnicos são latinos e não há tanta dificuldade. Geralmente, os livros em Inglês são traduzidos; há ainda os de língua espanhola, mais acessíveis quanto à lei-

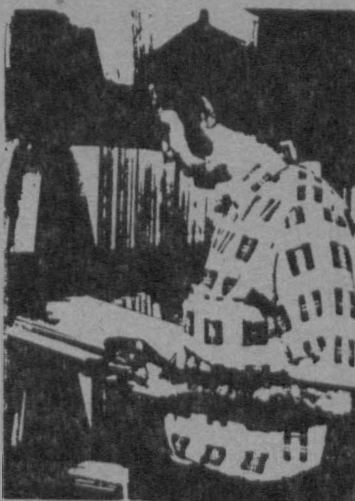
tura. "Mesmo sem ter estudado Inglês além do Colégio, não encontro grandes dificuldades para estudar por livros em Inglês".

Há um problema: a não ser revistas, os livros traduzidos para o Português, em geral, não vêm atualizados, devendo o estudante estudar, para ficar bem atualizado, por livros estrangeiros. Isto varia com a disciplina, pois há aquelas em que o desenvolvimento da Ciência não é tão grande que proporcione a rápida desatualização. Neste caso, os livros textos traduzidos satisfazem, como os das cadeiras básicas: Anatomia (em que o livro de Testut Jacob é e será, por muito tempo, atualizado), Fisiologia, Histologia (cujo livro texto, da autoria de Ham, permanecerá atualizado por muito tempo). No entanto, há disciplinas de certas especialidades que exigem uma constante atualização daqueles que querem fazê-las: Endocrinologia e Imunologia são dois grandes exemplos.

Quanto ao problema do preço do livro, Cláudio acredita que há opções a serem feitas, sendo que a maioria delas diz respeito à macroeconomia, não é problema que possa ser superado pelos próprios Professores ou autores. Há medidas que poderiam ser tomadas pelo próprio Governo: este deveria incentivar, dar verbas, talvez até diminuir o padrão de encadernação para baratear o preço do livro (isto, em último caso).

Cláudio não acha feliz a última resolução do Governo em aumentar a taxa de importação, incluindo materiais didáticos e científicos.

Um portaagulha alemão custa em torno de Cr\$ 800,00,



no Brasil. Há o nacional, bem mais barato, mas sua qualidade não justifica a compra. Há então duas opções: diminuir o preço dos importados ou melhorar a qualidade dos fabricados no Brasil.

"O NÍVEL CAI, COM A APOSTILA"

Claro que o nível cai, com a apostila, declara Cláudio Lacerda. A apostila não substitui o livro, pois os livros são muito mais bem escritos e completos. "Pessoalmente, poucas vezes estudei por apostila. Esta satisfaz apenas quando se vai fazer uma prova, principalmente quando é feita pelo próprio Professor ou aluno que gravou as aulas. A apostila contém o que 'cai na prova'. Ora, os pacientes não apresentam apenas patologias que 'caem na prova'".

BRAZILIANISTS ESTUDAM TUDO MAS NEM SEMPRE COM SUCESSO

Foi durante a década dos 60, ou seja, com a brusca aceleração dos acontecimentos na vida nacional brasileira, que aumentou o interesse dos americanos pelo Brasil. História, Política, Economia, Sociologia são campos relevantes e sempre levados em conta por uma vasta constelação de estudiosos que, com suas teses universitárias, contribuem invariavelmente para disseminar a polêmica nas áreas em que atuam. Quase sempre, porém, esses trabalhos são encarados com certa desconfiança por parte dos historiadores brasileiros. Edgar Carone, por exemplo, disse numa recente entrevista à revista VEJA que Thomas Skidmore — um dos mais atuantes **experts** americanos em assuntos brasileiros — trata com superficialidade todo o período compreendido entre a revolução de 1930 e o segundo governo Vargas.

Samuel A. Huntington, que andou pelo Brasil no tempo do Presidente Medici, é outro americano muito sintonizado com problemas brasileiros. Ele chegou a ser contratado por autoridades, do país, notadamente o Ministro Leitão de Abreu, a fim de colaborar num eventual estudo sobre temas políticos.

Josemir Camilo, aluno do Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, emite aqui a sua opinião sobre cinco desses autores. Camilo é um laborioso e arguto pesquisador dos acontecimentos da nossa História. Já prestes a concluir o Mestrado, ele está vivamente interessado em aprofundar seus estudos em centros universitários alemães. E, para isso, providencia a leitura de mestres alemães da importância de Schelling, Goethe, Mommsen, Thomas Mann. Esta é a terceira vez em que colabora com o JORNAL UNIVERSITÁRIO.



tais? O certo é que boa parte poderia ser dispensada.

Autores como Stein, Conrad, utilizaram quadros, gráficos e estatísticas dando um cunho aparentemente científico às obras. No caso de Conrad, porém, tais elementos se transformaram esdruxulamente, pois em comparação com o texto mediocre, à base de fontes bibliográficas em sua maioria, operou-se a defasagem. Em si, eles estão ótimos. O problema é o contexto, que em Stein, pelo menos, aparece com menos sofisticação.

O que predomina em geral nestas obras é caráter social da História (muito pouco sociológico, por sinal), talvez uma característica da Escola Americana em contra posição ao avanço da metodologia do materialismo dialético. Aliás, um materialismo dialético estribado, às vezes, um economicismo irritante. Caso seja uma saída, a metodologia dos **brazilianists** (embora não todos, é claro) não conseguem o efeito desejado, pois a dispersão ideológica (ponto de vista individual de como interpretar a História, por exemplo) não cria uma escola.

Falta de mentalidade universitária

A sensação que se tem, quando se acaba de ler estes autores, é de que não passam de curiosos diante de um monte de documentação às mãos, que nós brasileiros sabemos tão pouco aproveitar e preservar. A vontade é iluminar tudo. Mas é quase impossível que um povo (o brasileiro, no caso) possa dar-se ao luxo de ignorar sua memória coletiva. Daí o arrebatamento destes estudiosos, que terminam mettendo os pés pelas mãos, quase sempre, nem mesmo sabendo porque fazem tal trabalho — ou para que fazem, como dizia um deles, Thomas Skidmore, em conferência pronunciada na Universidade Federal de Pernambuco.

Fica a idéia, porém, de que estes trabalhos, mesmo carentes de visão crítica, possam vir a influenciar os estudos em nossas escolas. Isso não pode acontecer, pois muitos dizem aquilo que já está em nossos autores maiores. Basta ver a bibliografia, porque de interpretação eles são geralmente fracos. Ou unilaterais?

A grande deficiência é, sem dúvida, a falta de uma mentalidade universitária. A incapacitação de estudos interdisciplinares torna as obras mediocres, remetendo-nos sempre a autores suplementares.

É o caso de Boxer, por exemplo, que, tratando de relações raciais, não utiliza a etnologia e muito menos a antropologia. Grahnan, descrevendo a influência inglesa no Brasil, não avança nos estudos de economia, nem mostra as implicações da presença de um grupo social estranho dentro da estratificação das camadas, no século XIX. Assim como Manchester não vê os sistemas econômicos que delinearam a preeminência inglesa em Portugal e no Brasil. Tudo não passou de uma História Diplomática.

Stein parece ser o melhor deste grupo, e Conrad o mais fraco. E aqui é bom discriminar, pois o ineditismo dos temas faz com que eles sejam um pouco mais atraentes. Malhar em ferro frio torna-se cansativo.

Os **brazilianists** passarão. É preciso estudá-los.

A partir de 1966 já havia a previsão de mais de 150 bolsista estrangeiros, quase todos americanos, focalizando o Brasil em suas teses de pós-graduação. O campo atingido é o das Ciências Sociais, no âmbito das quais são encerrados os amplos e férteis terrenos da História, da Política e da Sociologia, bem como o da Economia.

Hoje, passado algum tempo, esses trabalhos estão sendo traduzidos e lidos por milhares de brasileiros, principalmente professores e estudantes universitários. **Brazilianists** foi a denominação atribuída ao conjunto de estudiosos americanos. No entanto, por que esta corrente para estudar o Brasil? E por que somente a partir, principalmente, da década de 60?

De qualquer maneira, temos de contar com esta colaboração, uma vez que a ciência é universal, muito embora a metodologia não o seja, pois se acha vinculada de elementos ideológicos, para não dizer filosóficos. Daí uma ótica diferente, uma perspectiva discutível sobretudo se levarmos em conta para quem são escritas essas teses. Pelas traduções que nos chegam às mãos, perce-

bemos que os autores costumam dedicá-las ao público americano e estrangeiro em geral, tanto que percebemos erros passíveis de crítica a nível de História local ou regional mas que não afetam o conjunto do estudo. Por exemplo: muitas obras, para certo nível de estudantes com percepção aguçada de nossa problemática, tornam-se descrições tautológicas. Mesmo porque usam fontes já conhecidas e generalizantes como é o caso de Gilberto Freyre, consultado de fio a pavio pela maioria dos **brazilianists** mesmo que o assunto não seja Sociologia ou Etnologia.

Cinco autores

Escolhemos para análise cinco autores dentro de um corte histórico pelo qual os **brazilianists** têm verdadeira paixão: a formação da nacionalidade brasileira (séculos XIX e XX). Os autores e seus respectivos livros são: Richard Grahnan, com *Grã-Bretanha e o Início da Modernização no Brasil — 1850/1914*; Alan K. Manchester, *Preeminência Inglesa no Brasil*; Charles Boxer, com *Relações Raciais no Império Colonial e A Idade do Ouro*; Stanley Stein, com *Grandeza e Decadência do Café*; e Ro-

bert Conrad, com *Os Últimos Anos da Escravidão no Brasil*.

Tentaremos mostrar o que parece de comum nesses autores, embora cada um tenha sua peculiaridade no tratamento dos temas. Ler Manchester é tão enfadonho, quanto agradável é ler Stein. Mas ainda temos de tolerar a anglofilia de Grahnan. Pior ainda, porém, é ver um Boxer anti-colonialista mas tão eivado de preconceitos eurocentristas quando trata dos negros e indígenas. Finalmente, o personalismo em Conrad é coisa por demais enfadonha quando aborda Pedro II como fazedor da História do abolicionismo.

O método? Abordagem documental/narrativa. Nada de interpretações. É o que massifica, por exemplo, a obra de Manchester. Tratados e decretos, correspondências e fontes oficiais são brandidas de enxurrada, num interesse muito grande de dizer tudo e que o tudo não é o essencial.

A narrativa em Boxer é mais agradável, excessivamente detalhista, a ponto de deixar o leitor com um formidável acervo de conhecimentos sobre a época das minas. Contudo, muito pou-

co crítica. Nada analítica. A não ser que os próprios documentos tragam implícitos a análise ou a crítica.

Embora a distância entre Manchester e Boxer seja de décadas (anos 30 e 60, respectivamente) a estrutura da obra corresponde a uma determinada corrente historiográfica já em decadência, que é a da narrativa dos fatos sem o envolvimento valorativo de que falava Dilthey, Mommsen, Ranke, Niebuhr. Ou seja, num sentido generalizante, a escola alemã do século XIX. Isto, contudo, muito mais para Manchester, pois Boxer é um em *Relações Raciais* e outro em *A Idade do Ouro*, talvez pelo fato de o primeiro ser uma série de três conferências pronunciadas na Universidade de Virgínia (USA).

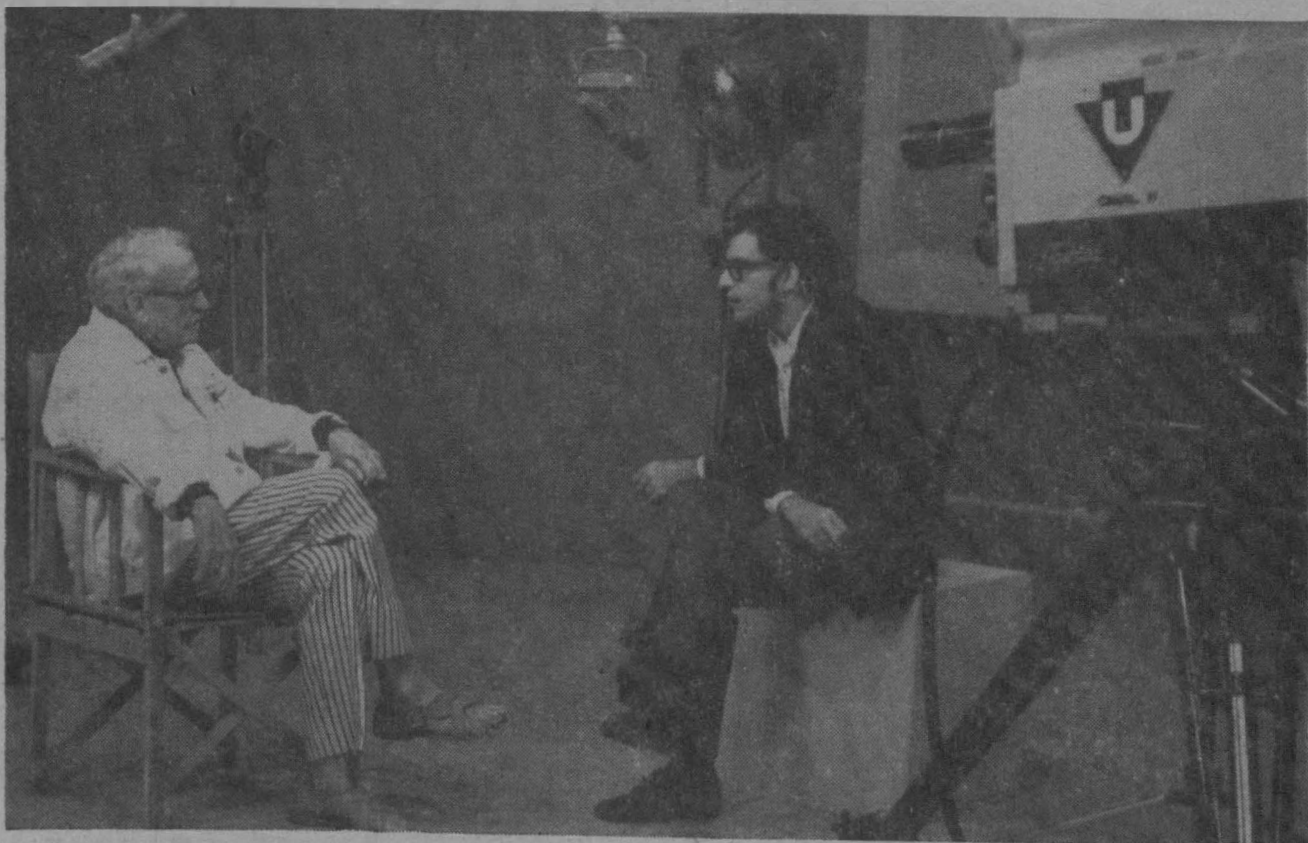
Nenhum desses dois deixa de cair na parcialidade. O que é praticamente impossível. Não tomar posição, aliás, já significa uma tomada de posição. Mas este caráter é bem acentuado na obra de Richard Grahnan. Apesar do cunho narrativo, ele passa a interpretações nem sempre felizes, provavelmente por não dispor dos instrumentos teóricos suficientes. Assim é que ao processo de industrialização do

século XIX ele chama de modernização sem definir claramente este conceito. No máximo, identifica-o como nova padronização de consumo. E aqui que lhe falta o instrumental que acima lamentamos: nenhuma análise do processo econômico como agente estruturador das camadas sociais a que ele também não denomina nem conceitua. Acaba-se o livro e ninguém percebe que se tratou da formação da burguesia brasileira, sob pressão e efeito da homônima, já estruturada, inglesa. Seu caráter anglofílico e sua preferência por personalidades fazendo a História, em vez dos grupos sociais, torna a obra superada metodologicamente.

Culto aos documentos

Da leitura de tais livros, conclui-se que os **brazilianists** têm uma certa cultuação pelo documento. Ou talvez seja o caráter de bolsistas que os inclina a compulsar e usar de tudo. Em parte é bom, principalmente quando os reproduzem ao fim de cada livro. Não seria de estranhar o apego ao documento numa sociedade que vive intensamente a era da informação. Haveria alguma influência religiosa (protestante, no caso) quanto à crença nas fontes documen-

Fernando Monteiro: um Teatro solitário



Na TV-Universitária, Fernando Monteiro (à dir.) em conversa com o cineasta Alberto Cavalcanti, nome internacional, que desenhou estudos de cena e vestuário para "O REI PÓSTUMO".

Fernando Monteiro, uma das mais solitárias e estranhas expressões entre a mais moderna geração literária não só pernambucana, mas brasileira, destaca-se justamente por preocupações singulares, não só nos temas, como na maneira de tratá-los e isso não apenas na Poesia como no Teatro, na Novela e até mesmo no Cinema, ao qual vem se dedicando, profissionalmente. Como escritor, no entanto, vem construindo uma obra de timbre bastante diferenciado das normas comuns de expressão, apontando-o como portador de luz própria em relação aos cometas que, normalmente, com seu rastro sujo, enxameiam nossos horizontes literários e artísticos. O reconhecimento disso, de certa maneira, se faz agora mais do que nunca, quando ele acaba de conquistar o Prêmio Othon Bezerra de Melo, da Academia Pernambucana de Letras, entre os escritores laureados deste ano.

E nos motiva a fazer algumas perguntas, mais ao escritor do que ao cineasta já premiado (no Festival Internacional de Curta-Metragem de Guadalajara, México, 1972, e pelo Instituto Nacional diversas vezes, obtendo o Diploma de Classificação Especial para seus filmes) — pois, apesar de sua atividade tão fiel ao cinema cultural no Brasil, é com a Literatura que ele parece se sentir ainda mais identificado, num curioso sentido inverso do que tem acontecido com escritores (Pasolini, entre eles) atraídos pelo Cinema após a experiência literária. Fernando Monteiro, entretanto, "mestre de surpresas" como já foi chamado por nós, confessa-se cada vez mais requetado pelo seu "daimon" literário e isso transparece do tom pessoal e polêmico que sempre dá às suas respostas:

P. — Como você se situa, com seu Teatro poético, dentro das linhas teatrais vigentes, que se estreitam, ora no âmbito político-participante, ora no regional?

R. — Eu acho que eu me **situo**, simplesmente. Aliás, foi para advertir isso, talvez, que resolvi colocar uma espécie de epígrafe, logo nas páginas iniciais da edição de "O REI PÓSTUMO", esclarecendo justamente isso:

FRAGMENTO DE UMA EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS REQUERIDA AO AUTOR

(...) Não escrevi "O Rei Póstumo" apenas porque acreditasse — como acredito — que o Teatro brasileiro necessite de mais caminhos, e, no entanto, se é necessário uma explicação de motivos, seria essa minha melhor razão, referente a um texto que fuge, creio, a noventa e nove por cento do que é aguardado e "aguardável" no âmbito de nosso Teatro e nossa **inspiração** — essa velha palavra.

Mas, note-se bem, não é uma forma de auto-elogio esse registro de uma diferença (tudo que ela é, realmente: diferença), no sentido de "anormalidade", de caminho que se torce 180 graus, mas nem por isso é o melhor, nem o pior. Não se sabe. Ou se sabe somente isso: não é o caminho de sempre.

Foi escrito. Mas não foi escrito **para**, por ou pelo. Ou **em**, ou **no**. Não houve policiamento, direção ou pudores de ser ou não ser brasileiro, como texto. Foi escrito, repito.

Trilhei, por meus pés, meu próprio descaminho. E a liberdade disso, como toda Liberdade, será sempre o prêmio verdadeiro — o primeiro — tão fácil, tão difícil, porque é dado, obscuramente, pelo **eu** a si mesmo.

E o resto, meus senhores, "é um segredo que não é para se contar..."

P. — Como você recebeu o Prêmio Othon Bezerra de Melo, da Academia Pernambucana de Letras, para "O REI PÓSTUMO", teatro caracterizado justamente fuga do habitual, entre nós, neste gênero?

R. — Confesso: com a quente sensação, no peito, que não se deve ao prêmio por si mesmo, ao prestígio dele ou à vaidade simplesmente satisfeita (de ter ganho como numa corrida), mas à grata consciência de ter encontrado leitores atentos, pois afirmo (e serve, aqui, de segunda indicação sobre o texto) que há um truque nessa peça que usa velhos personagens de lenda para viver uma espécie de intriga doméstica, no severo ambiente do século XII, onde se desenrola o mesmo drama moderno, do círculo de solidão que se fecha. Nesse sentido, o Rei Arthur, no meu texto, é tão personagem do absurdo como o que espera Godot, na peça de Samuel Beckett; é tão metafórico como o espectro do "Hamlet" (ou alguém crê que Shakespeare acreditava em fantasmas?) e não se sabe se está "apenas falando, como se faz à noite, na cama, para que venha o sono..." — ou se vive, de fato, a improvável farsa, a vida — que é o outro nome da morte.

E para responder à sua pergunta, recebi o prêmio como se fosse possível entender isso e prosseguir na animada devastação da esperança, que é tudo que pode a Arte fazer pelo mundo.

P. — A escolha do Rei Arthur, como tema para seu livro, deveu-se, em você, a que circunstâncias, a que influências, ou a que intenção especial?

R. — Arthur de Pendragão — e sua morte, particularmente — serviu de assunto à estranha prosa poética de Thomas Malory, cuja comovente saga dos primeiros anos bretões, dedica ao Rei lendário seu mais esotérico capítulo, de linhagem um tanto surrealista, que costuma atrair um número restrito de leitores, para sempre fascinados. Thomas Edward Lawrence foi um deles — tenho, mesmo, à cabeceira (e sobre a areia do deserto) seu exemplar ricamente ilustrado — e isso talvez responda ao item "influências", pois é sabida minha admiração pelo escritor de "Os Sete Pilares da Sabedoria". No entanto,

para aí qualquer explicação mais racionalizada... e, num nível confessional, talvez deva mencionar que escrevi "O REI PÓSTUMO" do modo mais suave, ininterrupto e agradável de que me lembro, num período de convalescença (de doença banal, no entanto) que me levou a mão ao papel como se a imaginação houvesse encontrado uma das sete portas. É triste confessar tão pouco esforço — num tempo em que se vê a carranca de tão esforçados escritores! — mas ainda é melhor recordar a alegre feitura dessa peça sombria, da qual resulta, creio, seu já apontado "clima de sinistra comichidade". Quanto à "intenção especial" talvez só houvesse a de se deter no velho mistério da Bondade, que talvez há de encontrar, em Arthur, sua expressão mais enigmática... se não se tratasse apenas de uma lenda!

P. — Tratando-se, como se trata, de um livro de marcante linhagem poética, em que medida a poesia preside, a seu ver, as soluções que você escolheu para elaborá-lo?

R. — Acho que de modo total, até, a poesia marca o recurso do monólogo interior, (que chamo "consciência voejante" do personagem), do ritmo e da orientação de cena — chegando a um limite talvez determine uma quase impossibilidade de enenação fora das indicações que acompanham o texto. Chego mesmo a ter a impressão que se realize mais como teatro "lido" do que efetivamente levado ao palco, talvez à semelhança de "Beyond the Horizon", de O'Neill, cujo clima intensamente poético sempre me pareceu mais a nível de "leitura" — sem a pesada materialidade que, às vezes prejudica a **nuance**, no palco. Veja-se o cinema, que dispõe dos recursos do teatro e mais alguma coisa — e quase sempre **gagueja** quando pretende alcançar mais alto e mais longe, onde a palavra, rarefeita, não deixou mais nada a dizer... e muito menos a **reduzir** ao ícone, ao visualmente representado. Veja-se "o punhal", em Shakespeare — que Macbeth poderá jamais empunhá-lo querendo dizer tanto ao mesmo tempo?

P. — Você encontra alguma relação entre seu primeiro livro "Memória do Mar Sublevado", de poesia,

e "O Rei Póstumo", recentemente premiado pela Academia?

R. — Eu diria que "O REI PÓSTUMO" é um prolongamento de qualidade mais **dramática**, do núcleo de "acontecimento poético" — ou "conteúdo novelesco", como chama Dámaso Alonso — de "MEMÓRIA DO MAR SUBLEVADO". Este poema, nos seus dois **movimentos**, já tinha um timbre de oposição interna, um conflito gerador de suas duas faces de espelho (Livro I e Livro II) e, portanto, sua síntese requeria, talvez, uma invenção poética, não para evitar o discurso direto e pessoal, mas para realizar, ou retomar, a perdida linguagem "witty", a imagem dialogada dos tempos de Webster e Shakespeare. Estão, portanto, poesia e teatro, fundamentalmente ligados — embora não realizados, é claro, segundo pretensões tão altas quanto as que ousou confessar aqui, para a realização de ambos — ou, principalmente, de "O REI PÓSTUMO".

P. — Como você se sente contemporaneamente, na solidão de seus temas e preocupações, em relação às esfuziantes e farfalhantes preocupações do nosso século?

R. — Condenado a uma ou duas conversas que valem a pena, num ano, a um ou outro livro para reler, a algum filme que, no final, sempre me irrita (quando todos chamam "obra-prima" — e olhe que, profissionalmente, sou cineasta!), suportando todos os equívocos, enganos e mistificações, "enquanto falta convicção aos melhores e os piores estão cheios de apaixonada intensidade", como disse Yeats, orgulhoso e só — e cheio de piedade, como terminou sua vida, entre crianças de escola. E aquelas crianças éramos nós, merecedores, de fato, de toda piedade do velho profeta. Para ser mais claro — e usar essa palavra engraçada que você usou: — o século pode farfalhar à vontade, enquanto fracassamos com dignidade.

P. — Fale-nos sobre o possível rumo ulterior de sua obra — dando-nos algumas indicações para facilitar o trabalho da crítica.

R. — Pelo referido acima, a pergunta torna-se uma excelente piada. O que, também, já está ficando raro...

Batalha que tornará o homem vitorioso

O pronunciamento do almirante

Paulo de

Castro Moreira



Somente essa receptividade de amigos íntimos poderia adivinhar o que representaria para mim a homenagem que me é prestada pela Universidade Federal de Pernambuco, mobilizando-me para os seus quadros de professores. Essa emoção provém de ser uma mobilização para uma posição honorífica de luta; se, em algum lugar na sociedade, se trava uma batalha decisiva, esse lugar é a Universidade. E chamar-me para essa batalha, para a dignidade de ficar entre os combatentes, é o que me honra neste momento.

Haveria, certamente, uma justificativa preliminar para este meu enlace com o Estado de Pernambuco; é necessário sempre destacar aos Nordestinos a verdade essencial de que a Marinha é, basicamente, Nordeste, de vez que a nossa composição em pessoal subalterno chegará talvez a 90% de Nordestinos. A Marinha fala nordestino; a Marinha tem sotaque nordestino; a Marinha tem costumes nordestinos; a Marinha tem Culinária nordestina; isso, talvez, justifique não apenas minha presença aqui, mas até mesmo a famosa guerra da lagosta, em que todos aqui nos empenhamos, talvez para garantir ao nordestino a posse do crustáceo. Foi uma aliança tácita entre a Marinha e o Nordeste, infelizmente, Senhor Cônsul, mas que terminou em paz.

Eu disse que é um posto de batalha, porque a Universidade é um campo de batalha. É uma batalha que se trava incessantemente e a única que pode tornar o homem vitorioso. E o homem será vitorioso no dia em que os povos forem realmente iguais no desenvolvimento; que, dentro dos países, os homens sejam igualmente iguais no desenvolvimento. E somente a ciência pode proporcionar essa igualdade, que nós já sentimos nos ambientes internacionais, quando homens das mais variadas origens, dos mais variados países, por terem uma formação universitária comum, falam a mesma língua e se entendem. Apenas, entre nós que ainda travamos a batalha nacional do desenvolvimento, a ciência não pode ser aquilo que é para os países desenvolvidos. Para o homem plenamente desenvolvido, a ciência é a maneira que ele tem de vencer o seu subdesenvolvimento perante Deus; para nós, ela ainda é um instrumento que vencerá o nosso subdesenvolvimento perante os homens; a nossa batalha, infelizmente, é menos gloriosa, é mais terra-a-terra, mas, talvez, seja mais decisiva, porque o homem não pode sequer se aproximar de Deus, enquanto houver homens que lhe sejam superiores. Ele tem que atingir a excelência para, então, atingir a dignidade da grande ciência que supera o seu desenvolvimento perante Deus.

Nessa batalha por uma ciência que vença o subdesenvolvimento perante os homens, a primeira coisa a lembrar é que a ciência é realmente um dom universal, pelo qual nós não pagamos patente; e que as grandes verdades científicas estão à nossa disposição, dependendo unicamente de nosso empenho atingi-las. Mas, reconhecer que existe a peculiaridade histórica, que exige uma estratégia diferente até mesmo no manejo da ciência, nós nascemos colônia e fomos construídos não para ser um povo livre; nós fomos construídos para ser uma colônia: quase toda uma infra-estrutura material e, mesmo, espiritual, que nós tivemos, até recentemente, não visava libertar-nos; visava manter-nos como uma próspera colônia, como ocorreu em outros países na África, até recentemente. De forma que, de bem pouco nos vale o nosso passado, a não ser pelos exemplos que nos legou. Nós temos que reconstruir um país; de nada vale as nossas estradas de ferro, enquanto forem feitas para levar o açúcar ao porto do Recife, ou o café ao porto de Santos. Toda estrutura das nossas comunicações, dos nossos portos, tudo tem que ser refeito, porque estávamos sendo construídos não para ser um povo livre; estávamos sendo construídos para ser uma colônia. Pensar que da situação colonial se chega à situação de independência, por simples imitação, é um erro fatal. Não vamos redescobrir a ciência; as verdades da ciência são universais e gratuitas, mas, temos que descobrir uma Tecnologia. Não existe qualquer possibilidade de transplante; não nos iludamos. O homem sabe muito pouco sobre o Trópico; chega-se às vezes, a pensar que nós devemos duvidar até da própria Lei da Gravidade, porque ela foi descoberta em região temperadas. Sem chegar a esse ponto, há poucas verdades tecnológicas transplantadas, porque a tecnologia surgiu de uma imaginação, de uma competência que usou as leis fundamentais da ciência para aplicá-las ao problema nacional, ao problema regional: são soluções que envolvem tanto de economia, quanto de ciência. E nes-

Ao agradecer o título de “Professor Honoris Causa”, outorgado pela Universidade Federal de Pernambuco, o almirante e cientista Paulo de Castro Moreira da Silva afirmou que a Universidade “é um campo de batalha. É uma batalha que trava incessantemente e a única que pode tornar o homem vitorioso. E o homem será vitorioso no dia em que os povos forem realmente iguais no desenvolvimento; que, dentro dos países, os homens sejam igualmente iguais no desenvolvimento”.

Coube ao Professor Lourinaldo Barreto Cavalcanti fazer a saudação, em nome do corpo docente da UFPE, ao homenageado, tendo enumerado os atos de cooperação da Marinha para com o então

se mundo tropical, como no mundo amazônico, que nós tentamos enfrentar, poucas verdades tecnológicas o mundo nos pode oferecer; estes são tão ignorantes quanto nós. Talvez mais ignorantes que nossos selvagens. O que nós, às vezes, temos feito, aqui, é fornecer através da Universidade a ciência fundamental; dar cursos de física, dar cursos de química, etc., mas, não levar a aplicação das leis básicas da ciência à solução dos problemas. Nós não construímos navios a partir do princípio de Arquimedes; nós construímos navios a partir de especificações estrangeiras. E eu me pergunto, de que vale saber física, se encerrada a física, nós não aplicamos as leis físicas aos problemas, mas corremos a especificações que são soluções estrangeiras. Não é qualquer Xenofobia que nos faz repelir as soluções estrangeiras. É a sua impropriedade. E eu sempre digo que se nós não construímos navios de pesca tão barratos quanto os navios holandeses que nós copiamos, também, um estaleiro holandês, não construiria uma jangada com as nossas especificações e não ser por um preço 20 vezes superior ao nosso. Seguir especificações é pagar um Royalty invisível. E a verdadeira emancipação surgirá se nós aprendermos a aplicar as leis da ciência à solução de nossos problemas. A Universidade, certamente, como eu, almeja cada vez mais, se aproximar desse ideal, que significa, realmente, dar à nova geração as chaves do futuro. Mas, essa nova geração de posse das leis da ciência, precisa desenvolver sua imaginação criadora, precisa desenvolver uma coragem mental que se baseia na certeza de que os problemas têm solução, com os recursos da ciência.

Vencendo a popular noção que hoje em dia empolga parte da mocidade de que a ciência e a tecnologia teriam levado a humanidade às catastróficas situações da poluição, de quase destruição da terra, o que levou a humanidade à situação calamitosa da poluição desenfreada, não foi a tecnologia, foi o desleixo dos tecnologistas, que não procuraram as melhores soluções, que aceitaram as soluções imediatas mais baratas. Mas, não há salvação para o impasse a que nós chegamos fora da ciência e da tecnologia.

Ainda recentemente, o Prof. Teller, o inventor da bomba de fusão, fez uma conferência na América, no aniversário do Bureau of Standards, recentemente, e declarou que conquanto o problema do momento dominante, pareça ser o da energia, é fácil de ver que, a curto prazo, o verdadeiro problema, é o problema do alimento. E quando se olha para o problema do alimento, é também óbvio que o oceano será a solução. Mas, nada será solução sem ciência e tecnologia. Então, a função essencial da Universidade é incutir na nova geração essa convicção de que a sua arma é a tecnologia; que a mocidade tem que dominar a ciência e a tecnologia para aplicar as leis básicas universais, descobertas pelos gênios, à solução de nossos problemas, dos problemas da nossa região e que lhe são peculiares; desenvolver essa imaginação, e sobretudo quando se sabe pela experiência universal que ao se ensinar um assunto, uma matéria, a 100 pessoas, apenas 5 dão para pesquisa e 5 para o magistério, passa a ser função essencial da Universidade distinguir esses benditos 10% e não permitir que sejam outra coisa. É como quem planta milho: não come a melhor semente, guarda-a para plantar no ano seguinte; essa é a função essencial da Universidade.

É por essa Universidade que nós combatemos: essa causa e essa Universidade contam hoje com o novo soldado honorário, para nos empenharmos nessa luta, que é o verdadeiro caminho da redenção. A nossa independência foi um fato político, foi um fato romântico; se quiserem, um belo fato romântico. Criou-se uma Nação por um gesto heróico de um príncipe; mas, a construção real dessa Nação é não a substituição dessa Nação, por uma Nação importada que se coloca dentro da nossa fronteira; hábitos estrangeiros, produtos estrangeiros, soluções estrangeiras, não constituem uma Nação; é a substituição da nação. Pode constituir, no máximo, um mercado. Já em outras ocasiões citei uma mesma frase que não posso deixar de citar de novo, de tal forma ela ilustra o meu pensamento; é uma frase muito antiga de Pero Vaz de Caminha, que nunca é citada inteira; há um certo pejo de citá-la por inteira; ele realmente disse: “Essa terra, senhor, é chã e mui formosa e querendo, dar-se-á nela tudo, mercê das águas que tem — e continuou — mas, o importante mesmo, é salvar esta gente”.

Instituto de Biologia Marinha da Universidade, a partir de 1958, época em que o almirante Paulo Moreira estava à frente da Diretoria de Hidrografia e Navegação. Assim, o Prof. Barreto preferiu deter-se nos fatos que estabeleceram os laços de gratidão da Universidade Federal ao almirante Paulo Moreira, ao invés de exaltar a sua vida e as suas obras, conhecidas em quase todo o mundo.

“Naquela época — disse o orador — o jovem comandante Paulo Moreira oferecia a sua contribuição à Universidade, enviando amostras recolhidas nos mares do Norte brasileiro pelo navio oceanográfico “Almirante Saldanha”, ao referido Instituto, objetivando possibilitar es-

tudos e pesquisas no âmbito da oceanografia. Com base nessa colaboração, o Departamento teve condições de participar, até hoje, em cerca de vinte comissões oceanográficas, ao longo da costa brasileira, coletando material para estudo em aproximadamente mil estações”.

Referiu-se, ainda, aos múltiplos aspectos da personalidade do almirante Paulo Moreira: humanista, escritor erudito, tradutor de Aldous Huxley, ao mesmo tempo que autor do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca, presidente da Fundação de Estudos do Mar, mestre de tantas Universidades estrangeiras, “homem das águas”, fluminense de berço que é — pernambucano na inteligência, no caráter no saber”.

FRANCISCANISMO

Por certa condição da vida de Reitor, leio os matutinos à hora vespertina; tardiamente, então, através de sua biografia, traçada por este admirável jornalista, aqui presente, Edmundo Moraes, no Diário de Pernambuco, tomei conhecimento de vários detalhes da vida de V. Exa. Eis porque, não vejo dificuldades em dizer alguma coisa de V. Exa. além das saudações. Em falar, por exemplo, no seu franciscanismo V. Exa. é franciscano, e o franciscanismo, até para os incréus, é a proximidade da natureza: do sol, da lua; é a fraternidade animal. E esse franciscanismo é uma atitude, está em tudo. Não sei se V. Exa., nas suas andanças por Pernambuco, terá reparado na capela tridentária de S. Francisco de Olinda — onde se deu a primeira aula de Filosofia, no Brasil — o teto, que em vez da simbologia ortodoxa do catolicismo, está cheio de cajus e de abacaxis. É o velho naturalismo franciscano. Duns Scotto, o seu filósofo maior, antecipando-se à fenomenologia de hoje, investigou os seres naturais, uma corte especial da ontologia dos seres. Talvez, pela proximidade do franciscanismo com a natureza. E Raimundo Lullo, que usa uma simbologia lógica para converter; é Guilherme Ockam, o fundador da lógica moderna que, no seu nominalismo, o que fez foi completar Bacon para o caminho das ciências experimentais. E tudo isso da proximidade com a natureza, com o amor. No livro de Maria do Carmo Miranda, filósofa desta casa, e ao meu ver, o maior peso brasileiro em cultura filosófica feminina, avaliando e analisando o púlpito do convento franciscano de Jacobina, chama a atenção para essa proximidade com a natureza; ao mais desavisado, talvez parecesse panteísta, pois, a sua simbologia, que são dos arquétipos, na linguagem e na psicologia, são todos eles elementos da natureza, elementos da terra e do mar, cosmologia lembrando a Criação. Sei além disso, e agora Lourinaldo o confirmou, que foi V. Exa. o tradutor de Huxley e Huxley tem bom campo nesta casa; inclusive, a ele fui introduzido, ainda bem jovem, por um professor aqui presente, o biólogo, humanista e não sei mais o que: o Prof. Bezerra Coutinho, a quem só falta o dom de não ser modesto para ter a altura que na vida da cultura nacional a ele pertence. Mas, esse romancista, esse homem de formação biológica que ele era, começou por ser naturalista como a família; foi, em certo momento, um filósofo cético, muito à inglesa, em seus ensaios sobre os meios e os fins, mas mudou depois. Permita-me o Prof.

Aluizio (que vai até para o céu sem querer, penso eu, se ele é incréu mesmo), permiti-me ele, a grande hora de Huxley é a dos seus últimos dias, quando se voltava às pesquisas místicas; tenho a impressão de que pela sua confluência, Sr. Almirante, de Huxley com o franciscanismo, e, pelo seu conceito de ciência, aqui expressado, dizendo que a ciência afinal de contas é um ultrapassamento do homem para buscar a Deus, é nessa linha que V. Exa. se encontra, buscando os caminhos de uma mística que pode não ser a de uma ortodoxia, mas, pode ser a de uma filosofia universal que envolva a todos nós.

Afinal de contas, Sr. Almirante, V. Exa., que integra agora o corpo docente desta casa e que está disposto à conversação — eu não uso a palavra diálogo, porque tenho reparado, na minha madureza de cinqüentão, agora, que os que mais usam a palavra diálogo são os que mais gostam de monologar; de maneira que eu prefiro conversação, — Na sua conversação com a mocidade, V. Exa. vai sentir que essa mocidade precisa de revelações. Este é o grande problema. Tenho para mim que, se a Renascença ergueu o homem, e, se a Idade Clássica, tirando Pascal, quis matar o anjo para criar Lúcifer, matar o Espírito para erguer o Logos, na realidade, no momento presente, o que se tenta é esconder revelações e, no entanto, a mocidade quer revelações. Por isso, um homem de sua predisposição, um professor de ciência e de técnica, uma grande cultura humanística, é um homem dessa grande hora da nossa Universidade. Mas, se assim digo, a minha missão nesse improviso é trazer a palavra dos que aqui não falaram, dos estudantes e dos administradores. Por conseguinte, tem que ser uma palavra das coisas do dia-a-dia, uma palavra de próximo a próximo, e o que nos identifica a todos nós, agora como “Cultura” e não como “culturas”, é que somos um pouco do mar. Não é preciso que eu invoque o grande filósofo francês, Gaston Bachelard, que diz estar na hora de não procurar uma estética de matérias, mas, uma estética material para buscar uma espécie de Jonismo, de volta à filosofia grega dos elementos. O reconhecimento de que nós todos somos água, terra, ar e fogo é retomado. Aí está o coração da matéria. Eis porque ele diz que volta aos antigos e descobre nisso até biotipologias. Eu, de minha parte, Sr. Almirante, já disse, na minha ignorância nos assuntos do mar, que sou um iden-

tificado com as coisas marinhas. Talvez porque eu seja do mar, portanto um agitado, um pituitrino, nessa linguagem meio difícil dos médicos — o que não me diminui, porque sou eu mesmo, — então, naquilo que tenho de comum com outros mais ou menos marinhos, é que o saúdo, e saúdo a Marinha do Brasil, da qual V. Exa., mesmo na hora da posse, fez a exaltação e a colocou no lugar exato.

Ninguém pode fugir ao mar, porque, na realidade, o elemento salino da água está como que dentro de nós. Não sendo — como não sou — de ortodoxias psicanalíticas, admito que todos nós temos um pouco de Narciso: a água é o nosso grande espelho, onde nós nos vemos a nós mesmos e prospectamos a natureza pelas nossas deformações.

A água é o olho do mundo, Sr. Almirante, e na realidade, se nós somos Narcisos, Narcisos pessoais, a água, o mar faz o narcisismo cósmico; no caminho entre os dois narcisismos (não se precisa de citar Jung) é que nasce o desejo, a libido criadora e não a mera potência sexual. Esse desejo sugere uma coincidência feliz para a qual eu chamaria a atenção dos Srs. Oficiais presentes e a do Sr. Almirante Paulo Moreira: o símbolo do desejo, um arquétipo é o cisne que é, justamente, o símbolo da Marinha. O cisne é uma imagem bissexual: como são as do inconsciente: é altaneiro e decisivo como os homens devem sê-lo, mas, é belo como são as mulheres. Na realidade, nessa ave marinha está um grande símbolo de todos nós; todos nós temos desejos, e, por conseguinte, nós todos somos um pouco de mar.

Não é então, agora, como universitário que outros mais ilustres do que eu fariam, e, mais próximos da sua especialidade; não é como pernambucano determinado, não é como brasileiro agradecido que lhe posso louvar, mas, é como povo, é como próximo, que saúdo V. Exa. homem do mar.

Trago-lhe as minhas homenagens, trago-lhe as prerrogativas da Universidade, e peço-lhe licença para enquadra-la nesta saudação todos os marinheiros presentes, do Almirante ao menor dos marinheiros.

Se não sentirmos aquele fremir a que Ruy Barbosa se referiu ao receber certa homenagem da Marinha, possamos, ao menos, sentir nesta hora da sua homenagem, um pouco do embalo das canções do mar, Sr. Almirante.